UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

MARÍLIA REIS SÉ

PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS NO ESPAÇO URBANO:

REFLEXÕES CRUZADAS ENTRE
O BAIXO AUGUSTA-SÃO PAULO|BRASIL E
A ALAMEDA DE HÉRCULES-SEVILHA|ESPANHA

SÃO CARLOS
2018

MARÍLIA REIS SÉ

PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS NO ESPAÇO URBANO: REFLEXÕES CRUZADAS ENTRE O BAIXO AUGUSTA-SÃO PAULO|BRASIL E A ALAMEDA DE HÉRCULES-SEVILHA|ESPANHA

*SOCIOSPATIAL PRACTICES IN URBAN SPACE: CROSS ANALYSIS BETWEEN BAIXO AUGUSTA-
SÃO PAULO|BRAZIL AND ALAMEDA DE HÉRCULES-SEVILLE| SPAIN*

VERSÃO CORRIGIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo

Orientador: Prof. Manoel Rodrigues Alves

SÃO CARLOS – SP

2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA OBRA,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Sé, Marília Reis
SSE437 Práticas socioespaciais no espaço urbano:
p reflexões cruzadas entre o Baixo Augusta-São
Paulo|Brasil e a Alameda de Hércules-Sevilha|Espanha
/ Marília Reis Sé; orientador Manoel Rodrigues Alves.
-- São Carlos, 2018.
407 p.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo, Teoria e História da
Arquitetura e do Urbanismo -- Instituto de
Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo,
2018.

1. cidade contemporânea. 2. práticas
socioespaciais. 3. cartografia socioespacial. I.
Alves, Manoel Rodrigues, orient. II. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

Esta pesquisa foi realizada com o apoio da Fapesp - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de
São Paulo - de dezembro de 2015 a fevereiro de 2018 (processos 2015/11198-1 e 2016/23273-0).

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de
responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a opinião da Fapesp.

FOLHA DE JULGAMENTO

Candidato(a): **Marília Reis Sé**

Título da dissertação: **"Práticas socioespaciais no espaço urbano: reflexões cruzadas entre o Baixo Augusta-São Paulo/Brasil e a Alameda de Hércules-Sevilla/Espanha".**

Data da defesa: **21/06/2018**

Orientador: Prof. Dr. Manoel Rodrigues Alves

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Manoel Rodrigues Alves
(IAU/USP)

Prof. Dra. Cibele Saliba Rizek
(IAU/USP)

Prof. Dra. Catherine Otondo
(FAU/UPM)

Prof. Dr. Carlos Maria Tapia Martin
(ETSA-US)

Resultado:

Não votante

APROVADA

APROVADA

Aprovada

Coordenadora e Presidente da Comissão de Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo: **Prof. Dr. Tomás Antonio Moreira.**

RESUMO

SÉ, MARÍLIA REIS. Práticas socioespaciais no espaço urbano: reflexões cruzadas entre o Baixo Augusta-São Paulo|Brasil e a Alameda de Hércules-Sevilha|Espanha. 2018. DISSERTAÇÃO (MESTRADO).

Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Carlos 2018.

O presente trabalho propõe a reflexão sobre as *práticas socioespaciais* enquanto manifestações espaciais e sociais de praticantes, considerando a interação entre os mesmos e entre eles e o espaço urbano. Por meio da observação de dois objetos empíricos distintos – o *Baixo Augusta - São Paulo/Brasil* e a *Alameda de Hércules – Sevilha/Espanha*, enquanto *espaços urbanos em transformação* e *manchas de ócio e lazer* –, são feitas, inicialmente, reflexões cruzadas teóricas e análises da conformação urbana e histórica de cada um. Em seguida, analisam-se suas atuais configurações a partir das práticas socioespaciais observadas. Para tanto, emprega-se uma *abordagem entre escalas* e um *método experimental*, a fim de construir um olhar que busque tornar visíveis aspectos e processos que não se refiram somente a contextos urbanos particulares, mas que também permitam a abordagem de aspectos da cidade contemporânea de modo amplo. Como resultado destas análises, foram elaboradas *cartografias socioespaciais* capazes de revelar as *urbanidades* de cada um deles, permitindo-se leituras individuais e conjuntas.

Palavras chave: cidade contemporânea; práticas socioespaciais; cartografia socioespacial.

ABSTRACT

SÉ, MARÍLIA REIS. *Sociospatial practices in urban space: cross analysis between Baixo Augusta-São Paulo/Brazil and Alameda de Hércules-Seville/ Spain*. 2018. DISSERTATION (MASTER).

Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Carlos 2018.

The present work proposes the reflection on socio-spatial practices as spatial and social manifestations of practitioners, considering the interaction between them and between them and the urban space. By observing two distinct empirical objects - the Baixo Augusta - São Paulo / Brazil and the Alameda de Hércules - Seville / Spain, as urban spaces in transformation and spots of leisure and leisure - are initially made , theoretical cross-reflections and analysis of the urban and historical conformation of each one. Then, their current configurations are analyzed based on the observed socio-spatial practices. In order to do so, an approach between scales and an experimental method is employed in order to construct a look that seeks to make visible aspects and processes that do not refer only to particular urban contexts, but that also allow the approach of aspects of the contemporary city of mode. As a result of these analyzes, socio-spatial cartographies capable of revealing the urbanities of each of them were developed, allowing individual and joint readings.

Keywords: contemporary city; socio-spatial practices; socio-spatial cartography.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Mapa de Juan de la Cosa, confeccionado no Porto de Santa Maria, Espanha. “Novo mundo” (Américas, acima) e “Velho mundo” (Europa, abaixo). Representação do continente americano no contexto das expedições europeias do século XV. Ano: 1500.....80

Figura 2 Áreas de menor vulnerabilidade social no município. Quadrante sudoeste. Fonte: Villaça. Ano: 2002..... 87

Figura 3. Concentração de emprego e infraestrutura X áreas de maior vulnerabilidade social. Fonte: SMDU. Ano: 2014..... 88

Figura 4. Distribuição de Renda no município de São Paulo. Fonte: SMDU. Ano: 2010.89

Figura 5. Emprego formal (exceto Administração Pública) e por setor no município de São Paulo. Fonte: SMDU. Ano: 2014.....90

Figura 6. Indicadores e gráficos de desenvolvimento econômico com destaque aos distritos da República, Consolação e Bela Vista. Fonte: SMDU. Ano: 2014..... 91

Figura 7. Uso do solo predominante no município de São Paulo. Fonte: SMDU. Ano: 2014..... 92

Figura 8. Predominância de usos não residenciais. Desenvolvimento Econômico. Fonte: SHDU. Ano:2014..... 93

Figura 9. Planta genérica de valores do uso solo horizontal e vertical. Fonte: SHDU. Ano:2014.94

Figura 10 Equipamentos públicos e suas demandas. Acesso à serviços. Fonte: SHDU. Ano:2014... 95

Figura 11. Tempo médio de vida no município de São Paulo. Fonte: ObservaSP. Ano: 2016..... 96

Figura 12. Crianças e idosos no território. Fonte: SMDU. Ano: 2014. 97

Figura 13. Censo de população de rua no município de São Paulo. Fonte: SMADS/COPS. Ano: 2015. 98

Figura 14. Tempo de deslocamento e sistema de transporte (existente e previsto). Infraestrutura e mobilidade. Fonte: SMDU. Ano: 2014.100

Figura 15. Viagens não motorizadas e rede ciclovária. Infraestrutura e mobilidade. Fonte: SMDU. Ano: 2014.101

Figura 16. Indicadores e gráficos de Infraestrutura e mobilidade com destaque aos distritos da República, Consolação e Bela Vista. Fonte: SMDU. Ano:2014.102

Figura 17. Deslocamentos de centralidades. Baixo Augusta e Centro. Fonte: Modificado a partir de Frúgoli Jr. (2004) Ano:2018.106

Figura 18. Operações Urbanas no município de São Paulo. Fonte: GESP-FFLCH. Ano:2012.....107

Figura 19. Usos predominantes do solo. Recorte e Montagem. Fonte: Modificado a partir de SMDU, 2015. Ano: 2018 112

Figura 20. Planta Genérica de valores do solo. Recorte e Montagem. Fonte: Modificado a partir de SMDU, 2014. Ano: 2018.....	113
Figura 21. Viagens não motorizadas e rede ciclovária. Recorte e Montagem. Fonte: Modificado a partir de SMDU, 2014. Ano: 2018.....	114
Figura 22. Tempo de Deslocamento e sistema de transporte. Recorte e Montagem. Fonte: Modificado a partir de SMDU, 2014. Ano: 2018.....	115
Figura 23. Diagrama Inserção do Baixo Augusta em São Paulo-Brasil. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....	122
Figura 24. Baixo Augusta: inserção e localização. Fonte: autoria própria. Ano: 2018.....	123
Figura 25. taxas geométricas de crescimento anual. Reversão migratória de Centro. Fonte: SMDU. Ano: 2014.	126
Figura 26. Infográfico “Censo na Cidade”. Fonte: Estadão. Ano: 2011.	127
Figura 27. Indicadores sociais e demográficos com destaque aos distritos da República, Consolação e Bela Vista. Fonte: SMDU. Ano: 2014.	128
Figura 28. Indicadores sociais e demográficos. Moradia e uso do solo com destaque aos distritos da República, Consolação e Bela Vista. Fonte: SMDU. Ano: 2014.....	129
Figura 29. Lançamentos residenciais verticais em São Paulo. Fonte: SMDU. Ano: 2015.	130
Figura 30. Empregos no setor da construção civil em São Paulo Anos 2000 e 2014. Fonte: SMDU. Ano:2015.....	131
Figura 31. Inserção Baixo Augusta.Ortofoto. Fonte: Google Maps. Ano: 2014.	133
Figura 32. Sequência histórica: transformação do núcleo urbano de Sevilha. Séc VII a.c. - séc. XVI d.c. Fonte: modificado a partir de “La Alameda de Hércules y el Centro Urbano de Sevilla: Hacia un reequilíbrio del Casco Antiguo.” De Léon de Vela (2000) Ano: 2018.	140
Figura 33. Eixo Histórico-Monumental de Sevilha. Fonte: Autoria própria. Ano 2018.	142
Figura 34. Patrimônio Histórico do Centro de Sevilha. Modificado a partir de PGOU (2006). Fonte: Autoria própria. Ano 2018.	143
Figura 35. Modificado a partir de Mapa de Paróquias históricas de Sevilha do Século XIII (Sarabia Sánchez, 1998) Fonte: Autoria própria. Ano:2018.	145
Figura 36. Extremidade Sul da Alameda de Hércules. Autor Anônimo. Fonte: Coleção Abelló. Ano: 1650.....	147
Figura 37. Extremidade Norte da Alameda de Hércules Fonte: Sevilla Eterna. Ano 1810.	148
Figura 38. Extremidade Sul da Alameda de Hércules. Fonte: ABC Sevilla. Ano: 1870.....	148
Figura 39. Planos antigos de Sevilha. Recorte Alameda de Hércules e Mercado de Feria. Sequência Histórica. Fonte: Urbanismo Histórico. Planos y grabados históricos de la ciudad de Sevilla. Colección Histórica (1771-1918).....	149

Figura 40. Espaço central da Alameda. Fonte: Postales y fotos antiguas de Sevilla. Ano: 1951.	151
Figura 41. Extremidade Sul. Espaço central da Alameda. Fonte: ABC Sevilla. Ano: 1988.	151
Figura 42. Público frequentador em quiosco. (à esquerda). Fonte: ABC Sevilla. Ano: Séc XX.	152
Figura 43. Quiosco na área leste. (à direita) Autor Charles López. Fonte: Postales y fotos antiguas de Sevilla. Ano: 1928.	152
Figura 44. Extremidade Sul. Quiosco (centro, à direita) e árvores cortadas. Fonte: Postales y fotos antiguas de Sevilla. Ano: Século XX.	152
Figura 45. Proposta de remodelação da Alameda de Hércules. Fonte: Martínez Lapeña-Torres Arquitectos. Ano: 2005.	162
Figura 46. Alameda de Hércules antes da remodelação. Ortofoto e levantamento em planta de Martínez Lapeña-Torres Arquitectos de 2005. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.	163
Figura 47. Alameda de Hércules depois da remodelação. Ortofoto (2011) e proposta em planta de Martínez Lapeña-Torres Arquitectos (2005). Fonte: Autoria Própria. Ano: 2018.	164
Figura 48. Extremidade norte da Alameda de Hércules. Trecho central. Colunas romanas (primeiro plano, à esquerda). Parque infantil ao fundo (centro). Extensão da Alameda em sentido sul (direita). Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	165
Figura 50. Extremidade norte da Alameda de Hércules. Trecho central. Delegacia de Polícia Nacional ao fundo (centro). Colunas romanas ao fundo (direita). Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	165
Figura 51. Metade da extensão da Alameda de Hércules. Trecho central. Linha de mobiliário urbano (à esquerda). Faixa de circulação de pedestres (centro). Ciclofaixa, faixa de circulação de emergência, via motorizada (à direita). Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	166
Figura 52. Metade da extensão da Alameda de Hércules. Trecho central. Marquises e linha de mobiliário urbano (à esquerda). Faixa de circulação de pedestres (centro). Exposição temporária. (à direita). Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	166
Figura 53. Extremidade sul da Alameda de Hércules. Feira temática romana durante o final de semana. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	167
Figura 54. Extremidade sul da Alameda de Hércules. Pedestres e ciclistas em trânsito durante a semana. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	167
Figura 55. Extremidade sul da Alameda de Hércules. Trecho central. Colunas romanas ao centro. Ônibus passando em via motorizada ao fundo. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	167
Figura 56. Século XX e anos 2000. Mercado de Feria (plano intermediário). Praça Calderón de la Barca (primeiro plano). Igreja Omniun Sanctorum (plano de fundo). Fonte: ABC Sevilla. Ano: 2005.	169

Figura 57. Dia e Noite no Mercado de Feria. Praça Calderón de la Barca. Fachada de acesso à Lonja de Feria. Manhã, tarde, noite, madrugada (de cima para baixo). Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.170

Figura 58. Mercado de Feria. (Lateral do Mercado de Feria, acesso lateral, ao fundo: praça Calderón de la Barca (à esquerda), igreja Omnium Sanctorum (ao centro) e Calle Feria (à direita). Fonte: Autoria própria. Ano:2017. 171

Figura 59. Mercado de Feria. Praça Calderón de la Barca, fachada principal do Palácio Marqueses de la Algaba (ao fundo) e acesso a Lonja de Feria (à direita). Fonte: Autoria própria. Ano: 2017. .171

Figura 60. Mercado de Feria. (de cima para baixo) Praça Calderón de la Barca, fachada principal do Palácio Marqueses de la Algaba (ao fundo) e acesso a Lonja de Feria (à direita). Lateral do Mercado de Feria, acesso lateral, ao fundo: praça Calderón de la Barca (.....171

Figura 61. Mercado de Feria. Área interna lateral da Lonja de Feria, centro-esquerda posto de comida espanhola e centro-direita peixaria do Mercado de Feria. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.172

Figura 62. Lonja de Feria. Interior do edifício reformado em 2014. Caixa para aquisição de tíquetes, postos de comida japonesa e mexicana, à esquerda. Posto central de comida espanhola, no centro. Peixaria, ao fundo. Postos de comida internacional e drinks, à direita. Montagem fotográfica. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.173

Figura 63. Página inicial do website do estabelecimento Lonja de Feria (printscreen) Fonte: <<http://www.mercadodeferia.com/>> Ano: 2017.174

Figura 64. Inserção da Alameda de Hércules e Mercado de Feria. Ortofoto. Fonte:Google Maps. Ano: 2011.175

Figura 65. PRANCHA: Alameda de Hércules. Apresentação e situação. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018..... 205

Figura 66. Trecho central da Alameda de Hércules. Final de tarde de sábado. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017..... 208

Figura 67. PRANCHA: Alameda de Hércules. Concentração de praticantes e duração de atividades no espaço urbano. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018. 209

Figura 68. DIA. Alameda de Hércules. Durante a semana. Concentração de Praticantes no trecho central. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.213

Figura 69. DIA. Tarde, final de semana. Concentração de Praticantes nas terrazas de veladores. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.213

Figura 70. NOITE. Alameda de Hércules. Final de semana. Concentração de Praticantes. Fotomontagem. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017214

Figura 71. NOITE. Madrugada, durante a semana. Concentração de Praticantes. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.214

Figura 72. EVENTUAL. Feira Agroecológica mensal, terceiro sábado do mês, pela manhã. Ocupação do trecho central da Alameda de Hércules. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.....215

Figura 73. EVENTUAL. Festival Internacional de Títeres. Evento anual. Ocupação do trecho central da Alameda de Hércules. (de cima para baixo) Apresentação teatral infantil, sábado pela manhã. Ocupação durante apresentação do festival, sábado à tarde. Apresentação teatral adulta, quinta-feira à noite. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.216

Figura 74. DIA. Calle Peris Mencheta. Concentração de Praticantes. Fonte: Autoria Própria. Ano: 2017.....217

Figura 75. NOITE. Calle Peris Mencheta. Concentração de Praticantes. Fonte: Autoria Própria. Ano: 2017.....218

Figura 76. DIA. Mercado de Feria e entorno. Terrazas de veladores na praça Calderón de la Barca. (à esquerda, primeiro plano) Muro da igreja Omnium Sanctorum. (à esquerda, plano intermediário) Acesso à Lonja de Feria. (à direita) Muro do Palácio Marqueses de la Algaba. Concentração de Praticantes. Fonte: Autoria Própria. Ano: 2017.....219

Figura 77. DIA. Mercado de Feria e entorno. Terrazas de veladores na praça Calderón de la Barca. (à esquerda e à direita) Fachada principal do Palácio Marqueses de la Algaba. (à esquerda, plano intermediário) Mercado e acesso à Lonja de Feria. (centro). Igreja Omnium Sanctorum. (centro ao fundo). Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.....220

Figura 78. DIA. Mercado de Feria e entorno. Concentração de Praticantes. Terrazas de veladores (de cima para baixo): na praça Calderón de la Barca; na lateral do Mercado de Feria; em espaço entre o Mercado e a igreja Omnium Sanctorum. Fonte: Autoria Própria. Ano: 2017.....221

Figura 79. NOITE. Mercado de Feria e entorno. Concentração de Praticantes. (de cima para baixo) Praça Calderón de la Barca; na lateral do Mercado de Feria. Fonte: Autoria Própria. Ano:2017.....222

Figura 80. DIA. Alameda de Hércules. Concentração de Praticantes em anteparos urbanos na lateral da Alameda, ao fundo, Centro Cívico de las Sirenas. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.....223

Figura 49. Extremidade norte da Alameda de Hércules. Trecho central. Uso nos finais de semana à tarde. Extensão da Alameda em sentido sul. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.224

Figura 81. PRANCHA: Alameda de Hércules. Atividades no espaço urbano. Por natureza e por tipos. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.225

Figura 82. DIA. Alameda de Hércules. Natureza das atividades no espaço urbano durante a semana e final de semana. Gráfico. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.228

Figura 83. NOITE. Alameda de Hércules. Natureza das atividades no espaço urbano durante a semana e final de semana. Gráfico. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.228

Figura 84. Alameda de Hércules. Tipo das atividades no espaço urbano durante a semana. Gráfico. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.230

Figura 85. Alameda de Hércules. Tipo das atividades no espaço urbano durante o final de semana. Gráfico. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.	232
Figura 86. DIA. Mercado de Feria, praça Calderón de la Barca. Grupos de praticantes interagindo em mobiliário particular (acima) e em mobiliário público. Fonte: autoria próprio. Ano: 2017.	233
Figura 87. DIA. Mercado de Feria, acesso pela calle Feria e praça de acesso à igreja Omnium Sanctorum. Grupos de praticantes interagindo (plano intermediário) Grupo de visitantes conversando. (plano de fundo) Grupo de pessoas em situação de rua interagindo. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	233
Figura 88. NOITE. Mercado de Feria, praça Calderón de la Barca. Grupos de praticantes interagindo em anteparo urbano, escada de acesso ao Palacio Marqueses de la Algaba (duas imagens acima) e grupo conversando em círculo (abaixo). Fonte: Autoria próprio. Ano: 2017.	234
Figura 89. DIA. Alameda de Hércules. Grupos de praticantes interagindo. (acima) Grupo de pessoas em situação de rua sociabilizando em mobiliário público urbano e no solo. (centro) Grupo de pessoas em situação de rua sociabilizando em círculo no solo. (abaixo) Grupo de pessoas em situação de rua sociabilizando e consumindo bebidas alcoólicas em mobiliário público urbano. Fonte: Autoria próprio. Ano: 2017.	235
Figura 90. Alameda de Hércules. (acima e centro) Grupos de jovens interagindo em torno de mobiliário público urbano (abaixo) Grupo de jovens interagindo em torno de estanco (banca) (plano de fundo) e adultos consumindo e interagindo em círculo. Fonte Autoria própria. Ano: 2017.	236
Figura 91. PRESENÇAS SOLITÁRIAS. DIA. (acima) Praticantes em mobiliário público urbano na Alameda de Hércules. (centro) Praticante em apoiado em anteparo urbano, em parque infantil na Alameda de Hércules. (abaixo) Praticante em escadaria de acesso ao Palácio Marqueses de la Algaba na praça Calderón de la Barca, à direita. Praticante em mobiliário particular em terraza de veladores da Lonja de Feria, à esquerda. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	237
Figura 92. PRESENÇAS SOLITÁRIAS. NOITE. (acima) Praticante sentado em anteparo urbano, soleira de edifício na calle Peris Mencheta, igreja Omnium Sanctorum ao fundo. (centro) Praticante apoiado em anteparo urbano, em frente à Delegacia de Polícia nacional na Alameda de Hércules. (abaixo) Praticante apoiado em poste em terraza de veladores na Alameda de Hércules. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	238
Figura 93. Ócio recreativo na Alameda de Hércules. DIA. Grupo de praticantes brincando em parque infantil. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	239
Figura 94. Ócio recreativo na Alameda de Hércules. DIA. Grupos de praticantes sentados no solo em atividades de ócio recreativo. (à esquerda) Grupos de crianças em atividade educativa. (à direita) Grupo de crianças acompanhados de adultos em atividade lúdica. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	239

Figura 95. Ócio recreativo na Alameda de Hércules. DIA. Grupo de praticantes com animais domésticos. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.....	240
Figura 95. Ócio recreativo na Alameda de Hércules. DIA. Grupo de praticantes brincando no solo. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	240
Figura 97. Ócio recreativo no Mercado de Feria, lateral. DIA. Grupo de praticantes ciclistas em passeio. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.....	241
Figura 98. Ócio recreativo na praça Calderón de la Barca, Mercado de Feria. DIA. Dupla de praticantes em atividade recreativa em totem de aluguel de bicicletas. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.....	242
Figura 99. PRANCHA: Alameda de Hércules. Movimentos no espaço urbano. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....	243
Figura 100. Movimento de ciclistas pela manhã. Pais e filhos. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	246
Figura 101. AMBULANTES. DIA. Alameda de Hércules. (plano intermediário) Músico itinerante interagindo com criança. (logo atrás) Ambulante pedinte em circulação. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.....	248
Figura 102. AMBULANTES. DIA. Alameda de Hércules. (plano intermediário, centro) Vendedor ambulante de amêndoas torradas em terraza de veladores. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017... ..	248
Figura 103. AMBULANTES. NOITE. Alameda de Hércules. (plano intermediário, centro) Ambulante pedindo doações em terraza de veladores. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	248
Figura 104. AMBULANTES. DIA. Alameda de Hércules. Vendedor ambulante de óculos escuros, realizando venda em terra de veladores. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.....	249
Figura 105. AMBULANTES. DIA. Calle Peris Mencheta. Vendedor ambulante de incensos, realizando venda na calçada. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.....	249
Figura 106 . AMBULANTES. DIA. Alameda de Hércules. (acima, esquerda) Artesã vendedora ambulante de fantoches de tecido. (acima, a direita) Vendedor ambulante de balões infantis. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	249
Figura 107. NOITE. Botellón na Alameda de Hércules. Grupos de praticantes em atividade de botellón ocupando mobiliário público urbano. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.....	252
Figura 108. NOITE. Botellón na Alameda de Hércules. Grupos de praticantes em atividade de botellón, em pé e sentados em círculos, utilizando mobiliário público urbano e solo como suportes. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	253
Figura 109. NOITE. Alameda de Hércules. (abaixo, página atual e da direita) Grupos de praticantes sociabilizando no solo, no trecho central da Alameda de Hércules. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	254

Figura 110. NOITE. Alameda de Hércules. (acima e centro, página atual e da direita) Grupos de praticantes sociabilizando ao redor e dentro do espaço do parque infantil. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.....254

Figura 111. DIA. Alameda de Hércules. Prática recreativa esportiva nas colunas romanas. (acima e centro) Na ocasião da Feira Agroecológica mensal, ao fundo. (abaixo) Crianças brincando no trecho central da Alameda. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.257

Figura 112. DIA. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Alameda de Hércules. Prática lúdica com bolhas de sabão no trecho central da Alameda. Praticantes em interação produzindo bolhas de sabão. Linha de mobiliário público urbano em plano intermediário. Parque infantil ao centro e ao fundo. Terrazas de veladores ao fundo. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.....258

Figura 113. DIA. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Alameda de Hércules. Prática lúdica com bolhas de sabão no trecho central da Alameda. Preparo dos baldes com água e sabão em fonte de água pública, à esquerda, e organização de praticantes à direita. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.258

Figura 114. DIA. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Alameda de Hércules. Praticantes usando fonte pública de água e interagindo no trecho central da Alameda de Hércules. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.....259

Figura 115. DIA. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Mercado de Feria e entorno. Prática de sociabilização após missa dominical na Igreja Omnium Sanctorum. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.260

Figura 116. DIA. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Prática recreativa de “Despedida de solteira” realizada na Alameda de Hércules por grupo de praticantes caracterizadas com adereços. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.261

Figura 117. DIA. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Grupo de praticantes em protesto por causas ecológicas caracterizados com adereços e cartazes realizando percurso no trecho central da Alameda de Hércules ao redor da Feira Agroecológica. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.....262

Figura 118. DIA. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Apresentação teatral do Festival Internacional de Títeres realizada no trecho central da Alameda de Hércules. Início da apresentação. Chegada do ator em meio ao público. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.....263

Figura 119. DIA. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Primeira parada, interação com o público e performance inicial no trecho central da Alameda de Hércules. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.264

Figura 120. DIA. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. (acima) Deslocamento do ator na Alameda de Hércules como parte da performance entre a terceira e a quarta parada. Público acompanhando. Passagem entre o parque infantil e terrazas de veladores.265

Figura 121. DIA. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Deslocamentos do ator na Alameda de Hércules como parte da performance entre a primeira e a segunda parada. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.....	265
Figura 122. DIA. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Quarta e última parada da performance. Interação com o público infantil. Local de parada entre o parque infantil e a fonte pública de água. Fonte: Autoria própria. Ano: 2017.	266
Figura 123. PRANCHA: Alameda de Hércules. Tensões no espaço urbano. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....	267
Figura 124. PRANCHA: Baixo Augusta. Apresentação e situação. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.	273
Figura 125. Baixo Augusta. NOITE. Entretenimento noturno. (acima) Concentração em frente a discoteca. (abaixo) Estabelecimento de prostituição à esquerda e boteco a direita. Fonte: Autoria própria. Ano: 2016.....	277
Figura 126. Baixo Augusta. Atuação do mercado imobiliário. Empreendimentos imobiliários novos na rua Augusta (esquerda), na rua Avaahandava (centro) e na rua Paim (direita). Fonte: Autoria própria. Ano: 2016.....	278
Figura 127. Baixo Augusta. Rua Avanhanda. Caracterização do trecho remodelado da Rua Avanhanda. Fonte: Autoria própria. Ano: 2016.	280
Figura 128. Baixo Augusta. Rua Paim. Caracterização do conjunto habitacional Santos Dumont. (a esquerda) Empreendimento residencial novo e edifício XIV Bis ao fundo a direita. Fonte: Autoria própria. Ano: 2016.....	281
Figura 129. Baixo Augusta. Atividade imobiliária na Rua Paim, empreendimentos novos e terrenos à venda. Fonte: Autoria própria. Ano: 2016.....	282
Figura 130.. PRANCHA: Baixo Augusta. Concentração de praticantes e duração de atividades no espaço urbano. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....	283
Figura 131. Baixo Augusta. Noite na Augusta. Fonte: Autoria própria. Ano: 2016.	286
Figura 132. PRANCHA: Baixo Augusta. Atividades no espaço urbano. Por natureza e por tipos. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.	287
Figura 133. DIA/NOITE. Baixo Augusta. Natureza das atividades no espaço urbano durante o final de semana. Gráfico. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....	289
Figura 134. Baixo Augusta. Tipo das atividades no espaço urbano durante o final de semana. Gráfico. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.	290
Figura 135. DIA. Baixo Augusta. Presenças solitárias no espaço urbano. (acima) Parada de ônibus. (centro) Homem em situação de rua. (abaixo) Homem ao celular na esquina e idoso em leitura em mesa de boteco. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.	291

Figura 136. DIA. Baixo Augusta. Presenças solitárias no espaço urbano. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....292

Figura 137. DIA. Baixo Augusta. Interações no espaço urbano. (acima) Homem em situação de rua observando, ciclista em trânsito. Dupla de praticantes realizando foto própria (selfie). (abaixo) Grupo de praticantes sentados em anteparo urbano sociabilizando e descansando. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018..... 294

Figura 138. DIA. Baixo Augusta. Interações no espaço urbano. Praticantes interagindo e consumindo em botecos no período da manhã. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....295

Figura 139. NOITE. Baixo Augusta. Interações no espaço urbano. Praticantes interagindo e consumindo em botecos no período da noite. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018..... 296

Figura 140. NOITE. Baixo Augusta. Interações no espaço urbano. Praticantes em encontros e sociabilização na esquina da rua Augusta com a rua Luis Coelho. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.298

Figura 141. NOITE. Baixo Augusta. Interações no espaço urbano. Praticantes em consumindo e sociabilizando (acima) na esquina da rua Augusta com a rua Luís Coelho, e grupo de ciclistas em pausa. (centro e abaixo na esquina da rua Augusta com a rua Antônio Carlos. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018..... 299

142. NOITE. Baixo Augusta. Interações no espaço urbano. (acima e no centro) Praticantes em consumindo e sociabilizando em bares das esquinas da rua Augusta com a rua Fernando de Albuquerque. Ciclista em deslocamento. (abaixo) Permanência na calçada e no meio fio da rua Augusta. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....300

143. NOITE. Baixo Augusta. Praticantes em fila de acesso de casa de espetáculos de humor. Permanência, interação e consumo na calçada. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018 301

144. NOITE. Baixo Augusta. (acima) Grupos de praticantes interagindo em círculos em posto de gasolina, na esquina da rua Augusta com a rua Peixoto Gomide. (abaixo) Praticantes em fila de acesso a bar-discoteca na Rua Augusta. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018..... 302

145. NOITE. Baixo Augusta. Praticantes em fila de acesso a discoteca na Rua Augusta. Permanência e interação no espaço das calçadas e da rua. Vendedores ambulantes à esquerda. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....303

146. NOITE. Baixo Augusta. Permanência e interação na esquina da rua Augusta com a rua Antônio de Queirós. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.304

147. NOITE. Baixo Augusta. Permanência e interação no espaço das calçadas e da rua. (à esquerda e à direita) Grupos em frente à estabelecimentos de prostituição e botecos. (centro) Praticantes em fila de acesso à discoteca e boteco na Rua Augusta. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....304

148. NOITE. Baixo Augusta. Praticantes em fila de acesso à discoteca na Rua Augusta. (à esquerda) Fila e vendedores ambulantes. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.	305
149. NOITE. Baixo Augusta. (acima e centro) Permanência e interação na nas calçadas da rua Augusta em frente às discotecas (abaixo) Grupo de praticantes na esquina com a rua Marquês de Paranaguá. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.	306
Figura 150. PRANCHA: Baixo Augusta. Movimentos no espaço urbano. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.	309
151. DIA. Baixo Augusta. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Skatistas em deslocamento na rua Augusta (acima) na esquina com a Rua Luís Coelho (centro e abaixo) na esquina coma a rua Antônia de Queirós. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.	311
152. DIA. Baixo Augusta. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. (acima) Grupo de praticantes em patins “pegando carona” em veículo motorizado. (centro e abaixo) Grupo de ciclistas subindo a rua Augusta.	312
153. DIA. Baixo Augusta. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Catador de papelão em deslocamento subindo a rua Augusta no período da manhã, na altura da rua Fernando de Albuquerque. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.	314
154. DIA. Baixo Augusta. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. (acima) Catador de papelão em deslocamento subindo a rua Augusta no período da manhã no cruzamento com a Rua Antônio Carlos. (abaixo) Carrinho cheio de material coletado parado na esquina com a Rua Luís Coelho. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.	315
155. DIA e NOITE. Baixo Augusta. Vendedores ambulantes de dvds pirateados (à esquerda, durante o dia) e livros usados (à direita durante a noite) “instalados” nas calçadas rua Augusta entre as ruas Luís Coelho e Antônio Carlos. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.	317
156. DIA. Baixo Augusta. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Vendedores ambulantes de livros usados em deslocamento no cruzamento da rua Matias Aires com a rua Augusta. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.	318
157. DIA. Baixo Augusta. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Vendedores ambulantes de livros usados “instalados” em anteparo urbano – recuo e soleira de edifício -, no cruzamento da rua Augusta com rua Antônio Carlos. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.	319
158. NOITE. Baixo Augusta. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Vendedores ambulantes de bebidas alcoólicas na rua Augusta. (acima e centro) “Tequileiro” e “tequileira” instalados no espaço das caladas com suporte móvel. (abaixo) Vendedor ambulante com isopor e carrinho móvel na esquina da rua Matias Aires. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.	321
159. NOITE. Baixo Augusta. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Vendedores ambulantes de bebidas alcoólicas instalados em soleira de edifício na esquina da rua Peixoto Gomide com a rua	

Augusta. Vendedores ambulantes com isopor e carrinho móvel à direita, homem em situação de rua deitado no solo e vendedores ambulantes em suporte improvisado. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....322

160. NOITE. Baixo Augusta. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Vendedores ambulantes de bebidas alcoólicas instalados nas calçadas da rua Augusta entre discotecas. Permanência e interação nas calçadas e no meio fio. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....323

161. NOITE. Baixo Augusta. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Grupos de praticantes na atividade de pubcrawl em pontos Augusta. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....326

162. NOITE. Baixo Augusta. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Trecho 1. Grupos de praticantes em deslocamento descendo a rua Augusta no sentido avenida Paulista-centro. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....327

163. NOITE. Baixo Augusta. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Trecho 2. Grupos de praticantes em deslocamento ocupando os espaços das calçadas e da via motorizada, descendo a rua Augusta no sentido avenida Paulista-centro. (página atual e à direita) Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....328

164. NOITE. Baixo Augusta. MOVIMENTOS NO ESPAÇO URBANO. Trecho 3. Grupos de praticantes em deslocamento ocupando os espaços das calçadas e da via motorizada, descendo a rua Augusta no sentido do centro da cidade. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....330

Figura 165. PRANCHA: Baixo Augusta. Tensões no espaço urbano. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....331

Figura 166. Percurso pelo Baixo Augusta. Mapa. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....370

Figura 167. Trecho 1 | Percurso pelo Baixo Augusta. Mapa. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....371

Figura 168. Cruzamento entre Rua Augusta e Avenida Paulista. Sábado à noite. Fonte: Autoria Própria. Ano: 2016.....372

Figura 169. (acima) Fluxo de pedestres na Rua Augusta. Conversa, fluxo e carrinho de bebidas, ao fundo (abaixo). Sábado à noite, 21h30-22h. Fonte: Autoria Própria. Ano: 2016.....373

Figura 169. (acima) Fluxo de pedestres na Rua Augusta. Conversa, fluxo e carrinho de bebidas, ao fundo (abaixo). Sábado à noite, 21h30-22h. Fonte: Autoria Própria. Ano: 2016.....374

Figura 170. (esquina da Rua Augusta com a Peixoto Gomide) (abaixo) Posto Ale, Rua Peixoto Gomide ao fundo. Fluxo, permanência e sociabilização. Sábado à noite, 23h10. (esquina da Rua Augusta com a Rua Frei Caneca) (acima) Fluxo de pedestres e permanência. (ambas) Aglomeração na esquina do Bar Azul (à direita). Sábado à noite, 23h20. Fonte: Autoria Própria. Ano: 2016.....376

Figura 171. Fluxo e permanência de pedestres nas calçadas e na rua. Sábado à noite, 00h-00h30. Fonte: Autoria Própria. Ano: 2016.....378

Figura 172. Parque Augusta e Praça Roosevelt | Percurso pelo Baixo Augusta. Mapa. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.....379

Figura 173. Trecho 2 | Percurso pelo Baixo Augusta. Mapa. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018.385

Figura 174. Peça publicitária da “Rua Avanhandava”. Fonte: Site Família Mancini. Ano: 2016..... 388

Figura 175. Rua Avanhandava vista a partir da Rua Martins Fontes (Rua Augusta) Quarta-feira, 14h. Fonte: Autoria própria. Ano: 2016.390

Figura 176. Mesas na calçada do Restaurante Migalhas, gradio à esquerda, fonte à direita. Fonte decorativa na esquina da Rua Martins Fontes (Rua Augusta) com a Rua Avanhandava, segurança particular ao fundo, de terno. Quinta-feira, 12h30. Fonte: Autoria própria. Ano: 2016.391

Figura 177. Trecho 3 |Percurso pelo Baixo Augusta. Mapa. Fonte: Autoria própria. Ano: 2018..... 394

Figura 178. Infográfico “Na vertical” - Empreendimentos residenciais construídos entre 2009-2013. Fonte: Folha de São Paulo. Ano: 2013.....395

Figura 179. Conjunto Habitacional Santos Dumont. Acesso pela rua Paim e rua interna de comércio e serviços. Fonte: Autoria própria. Ano: 2016. 396

Figura 180.Exemplo de pontos coletados na Interface do aplicativo no celular. 2017..... 399

Figura 180. Interface do aplicativo na plataforma Fulcrum no computador.....400

Figura 181. Exemplo de ficha de ponto coletado no aplicativo Fulcrum. 2017. 401

Figura 182. Interface do aplicativo na plataforma Fulcrum no computador. 2017.402

Figura 182. TABELA EXPLICATIVA DO APLICATIVO CONFIGURADO | FULCRUM | ALAMEDA_2017 E BAIXO AUGUSTA_2018 407

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO21

INTRODUÇÃO23

CAPÍTULO I38

O HABITAR CONTEMPORÂNEO38

1.1 HABITAR A CIDADE40

1.2 APROPRIAR-SE COMO HABITAR O ESPAÇO53

1.3 PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS E OS PRATICANTES DO ESPAÇO URBANO62

1.4 REFLEXÕES CRUZADAS | PARTE 172

 TENDÊNCIAS NO ESPAÇO URBANO E A CONSTITUIÇÃO DE URBANIDADES.....72

CAPÍTULO II79

CONFORMAÇÃO DE ESPAÇOS URBANOS E PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS.....79

2.1 BAIXO AUGUSTA. SÃO PAULO. BRASIL [OBJETO EMPÍRICO ORIGINAL]83

 2.1.1 PROCESSOS SOCIOESPACIAIS na metrópole de São Paulo.....84

 2.1.2 CONTEXTO URBANO | Inserção do Baixo Augusta na cidade de São Paulo.105

 2.1.3 CONTEXTO HISTÓRICO | Transformações morfológicas e socioculturais ao longo do século XX.....116

2.2 ALAMEDA DE HÉRCULES. SEVILHA. ESPANHA [OBJETO EMPÍRICO PARALELO]139

 2.2.1 CONTEXTO URBANO | Inserção da Alameda de Hércules na cidade de Sevilha.144

 2.2.2 CONTEXTO HISTÓRICO | Transformações morfológicas e socioculturais ao longo dos séculos.146

 2.2.4 IMPORTÂNCIA SIMBÓLICA | Alameda de Hércules155

2.2.5 PROCESSOS SOCIOESPACIAIS atuais no setor noroeste do centro histórico de Sevilha.	159
2.2.3 REMODELAÇÕES MAIS RECENTES <i>Alameda de Hércules e Mercado de Feria</i> nos anos 2000.	162
2.3 REFLEXÕES CRUZADAS PARTE 2	176
CAPÍTULO III	185
REVELANDO URBANIDADES ATRAVÉS DA CARTOGRAFIA	185
3.1 CARTOGRAFIA SOCIOESPACIAL DO URBANO	195
3.2 CARTOGRAFIA SOCIOESPACIAL ALAMEDA DE HÉRCULES - SEVILHA ESPANHA	207
3.3 CARTOGRAFIA SOCIOESPACIAL BAIXO AUGUSTA - SÃO PAULO BRASIL	275
3.4 REFLEXÕES CRUZADAS PARTE 3	334
CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	347
REFLEXÕES CRUZADAS ENTRE BAIXO AUGUSTA E ALAMEDA DE HÉRCULES	347
ANEXOS	368

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio incondicional independente do caminho por mim trilhado. Em especial, agradeço o amor, a dedicação e o suporte constantes dos meus pais, Ana e João. Agradeço as ricas trocas com meus irmãos, Beatriz e João Francisco, em todas as nossas diferenças. Agradeço os cafés, as sopas e as conversas da Bel que acompanhou de perto todo esse percurso. Agradeço às avós Anita e Theda, grandes mulheres, pela presença e torcida fundamentais, não somente nesse, mas em todos os momentos da vida.

Ao Francisco, pela parceria, apoio, paciência, amor e pelos sonhos de uma vida inteira compartilhados por todos esses anos.

À Cris, por já quase uma década de parceria e de acompanhamento em meu encontro comigo mesma - processo constante de felicidade, de dor e, sobretudo, de grande beleza.

Às minhas companheiras e meu companheiro de pesquisa, pela amizade construída e apoio emocional. Minhas queridas, Maíra, Érica, Tainá, Esther, Thamine, Maísa e meu querido Andrei, sem vocês não existiriam cores no caminho e nem sequer caminho. Às minhas eternas parceiras da vida, grandes amigas, Mari Bertho, Mari Rösel, Maju e Ju por estarem sempre presentes, independentemente da localização geográfica.

Aos meus amores daqui: Natália, Beatriz, Laís e Juliana, e novamente Beatriz (minha irmã) e Francisco, os olhares de vocês e os quilômetros percorridos na última ida a campo, me deram material, energia e ânimo para vislumbrar a reta final. Aos meus amores de lá: Irene, José, Marcus e Alejandro agradeço pelo acolhimento e amizade de longa data, e à Cristina e ao Manuel pelo lar compartilhado durante minha estadia em Sevilha.

Ao Prof. Manoel, meu orientador pela atenção, confiança e compreensão durante todo o processo de pesquisa.

Ao Prof. Carlos Tapia, meu supervisor durante meu estágio de pesquisa em Sevilha, pelo acolhimento, generosidade e grande conhecimento compartilhado.

À Prof. Cibele Saliba Rizek e à Profa. Catherine Otondo, pelo acompanhamento parcial do trabalho e pelas ricas contribuições.

Ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos, pela oportunidade de realização do curso de mestrado além de todo o suporte dado por esses dez anos desde a graduação.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pela concessão da bolsa de mestrado e bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

APRESENTAÇÃO

NOTAS DA PESQUISADORA

O tema e o problema desta pesquisa nascem de inquietações pessoais combinadas a arranjos empíricos. Inicialmente, o olhar para o “banal”, o “trivial” e o “cotidiano” das cidades em seus aspectos “não projetado”, “não esperado”, “não planejado” ganham forma no espaço do *Baixo Augusta-São Paulo* enquanto território dinâmico e diverso: de transformações morfológicas constantes assim como da presença diversa de sujeitos no espaço urbano. Desse modo, o anseio de melhor compreender como se dá o habitar na cidade contemporânea frente às dinâmicas urbanas de transformação por vezes tão rápidas e “desorientadoras” aos seus habitantes “encontrou lugar” na investigação de *práticas socioespaciais* no *Baixo Augusta – São Paulo*, e em seguida também na *Alameda de Hércules-Sevilha*, como objetos com grande potencial analítico nesse sentido.

O presente trabalho, portanto, se dedicou à investigação das *práticas socioespaciais* enquanto manifestações espaciais e sociais de praticantes considerando a interação entre os mesmos e entre eles e o *espaço urbano*. Por meio da observação de dois objetos empíricos bastante diferentes entre si - o *Baixo Augusta-São Paulo/Brasil* e a *Alameda de Hércules-Sevilha/Espanha*- realizam-se, inicialmente, *reflexões cruzadas* entre os mesmos considerando: o referencial teórico mobilizado, as análises de conformação urbana e histórica de cada um deles, para finalmente chegar às análises de cada um deles em suas atuais configurações no que diz respeito às *práticas socioespaciais*.

INTRODUÇÃO

A cidade contemporânea, apresenta-se hoje como um grande desafio para a atividade de pesquisa no campo da Arquitetura e do Urbanismo, que deve sempre atualizar seus princípios e objetivos de atuação. Frente à *complexidade e ao ineditismo de certos processos de conformação e transformação urbanas*¹, a *aproximação*

¹ Para diversos autores mobilizados neste documento, o ineditismo e a complexidade nos processos urbanos manifestam-se de diversos modos e configuram-se como grande desafio para a compreensão e análise da cidade contemporânea. Para Carlos (2007), a “análise do processo de transformação urbana na metrópole coloca uma série de desafios” (p. 12). Para Cacciari (2010, 2011), nem sequer se pode dizer que se habitam cidades na atualidade, uma vez que habitamos “territórios indefinidos” nos quais funções distribuem-se em seu interior sem que haja nenhuma lógica de programação ou sequer “urbanismo” que os tenha podido planejar. Para Muñoz (2010), processos cada vez mais presentes no espaço urbano transformam espaços tradicionais da cidade, - e criam outros-, a partir de modelos e padrões similares de intervenção resultando em *paisagens urbanais* caracterizadas pela segregação morfológica do tecido urbano - em “ilhas” dedicadas à produção e ao consumo –, nos quais a homogeneidade assim como a normatização e controle também se expressam. Para Alves e Tapia (2014), em uma cidade “de inéditas formas de enunciação, de uma contemporaneidade conformada pela globalização econômica e a *planetarização* de processos, meios e procedimentos que conformam a vida cotidiana, entendemos necessário o reexame de seus processos de conformação e configuração.” (p.13). Para Laval e Dardot (2013), o Neoliberalismo deve ser entendido como a nova racionalidade – razão de mundo – existente, a qual é válida em escala mundial e provocou mudanças profundas em todas as dimensões da existência humana: desde questões econômicas e políticas até mesmo culturais e de subjetividade, o próprio indivíduo enfrenta dificuldades de reconhecer-se e alinham-se a “valores neoliberais”. Para Pardo (2011), nos encontramos numa transição de paradigma a qual provavelmente, em sua visão, tenha se tornado uma condição permanente, da “eterna transição”.

*transdisciplinar e transversal*² apresenta-se como escolha para abordagem da problemática da cidade contemporânea assim como aprofundamento de reflexões.

Para Pardo (2011), o *paradigma* em virtude do qual se construiu a cidade em sua configuração anterior – moderna e industrial – é hoje antiquado e inútil para que a cidade atual possa enfrentar os desafios do futuro. No entanto, a instalação desse paradigma, – ainda não terminada –, gera uma sensação incômoda, mas ao mesmo tempo *muito familiar* de que a cidade está em *permanente construção e destruição*.

O que está acontecendo conosco é que o paradigma em virtude do qual se construiu a cidade em sua configuração anterior, já é um paradigma antiquado e inútil para que a cidade possa enfrentar a seus desafios do futuro, e ainda assim o novo paradigma, o qual tornará a cidade finalmente apta à sobrevivência ágil e eficaz em um mundo que estará completamente transformado. E daí deriva esta sensação incômoda, mas por outro lado muito familiar de que a cidade está permanentemente em construção e em destruição também. (Pardo, 2011, p.357, tradução nossa).³

² Transdisciplinar como enfoque pluralista de construção do conhecimento, que busca a articulação entre as inúmeras faces de compreensão do mundo, ou seja, diversas disciplinas e áreas do conhecimento. Transversal como espécie de movimento entre as dimensões conceituais, processuais e contextuais. De modo transdisciplinar e transversal, portanto, tal aproximação caracteriza o modo de trabalho do Laboratório de Estudos do Ambiente Urbano Contemporâneo (LEAUC-USP) e tem o objetivo de “dar conta” da complexidade crescente do mundo atual, e, especificamente da problemática da cidade contemporânea.

³ Texto original. *Lo que nos está sucediendo es que el paradigma en virtud del cual se construyó la ciudad en su anterior configuración ya es un paradigma anticuado e inútil para que la ciudad pueda hacer frente a sus retos y desafíos de futuro, y sin embargo todavía no ha terminado de instalarse el nuevo paradigma, ese que va hacer a la ciudad finalmente apta para una*

Essa sensação de uma cidade permanentemente em transformação – e em transição –, se caracteriza a partir do duplo aspecto de construção-destruição, no qual não apenas o tecido urbano reconfigura-se, em que as mudanças morfológicas são notadas, mas também “outros tecidos” se reconfiguram constantemente, como o civil e o político (Pardo, 2011). Nesse sentido, a cidade deve ser apreendida a partir de fatores globais (ou planetários⁴) e, além disso, deve ser analisada não apenas a partir de aspectos econômicos, mas também políticos, sociais, culturais e de subjetivação, constituindo uma *nova razão de mundo* (Laval & Dardot, 2013)⁵. Cada vez mais, portanto, as formas de

supervivencia ágil y eficaz en un mundo que estará completamente transformado". Y de ahí deriva esta incómoda pero por otra parte muy familiar sensación de que la ciudad está permanentemente en construcción y en destrucción también." (Pardo, 2011, p.357)

⁴ O entendimento do fenômeno urbano como algo “planetário” (Lefebvre, 1968; Brenner, 2012; Harvey, 2011, 2012) refere-se ao fato de que: ainda que se esteja em áreas rurais ou que se fale de sociedades não-urbanas, o fenômeno do urbano diz respeito à atual problemática da humanidade, ou seja, o urbano enquanto fenômeno é agregador de todos os conteúdos humanos produzidos, englobando problemáticas anteriores à da contemporaneidade.

⁵ Os autores partem do princípio de que no pós-crise de 2009 houve um “erro de diagnóstico” e a construção de “ilusões” a respeito do fim do neoliberalismo. Para eles, pelo contrário, a crise promoveu o reforço brutal do sistema neoliberal em forma de planos instaurados pelos estados, ativos na promoção da lógica da competência dos mercados financeiros. Segundo eles, o Neoliberalismo deve ser entendido como nova racionalidade – razão de mundo – válida em escala mundial a qual se estrutura na integração de todas as dimensões da existência humana: aspecto político (na conquista do poder por forças neoliberais); aspecto econômico (no auge do capitalismo financeiro mundializado); aspecto social (na individualização das relações sociais em detrimento das solidariedades coletivas, com polarização extrema entre ricos e pobres); aspecto subjetivo (na aparição de um novo sujeito e desenvolvimento de patologias psíquicas).

existência humana e as maneiras de viver encontram-se vinculadas ao capitalismo como sistema normativo em sua atual configuração – o Neoliberalismo –, e se dão no *espaço urbano*, entendido como produtor e produto do capital.

Diversos autores⁶ afirmam que as cidades hoje sob a égide do capitalismo são pontos estratégicos para a produção, circulação e consumo de mercadorias, conformando organização espacial, sistemas de governança e conflitos socioespaciais. Nesse sentido, as cidades não são apenas “onde” ocorre o consumo, mas elas mesmas são “o que” se consome, esculpidas e continuamente reorganizadas de modo a intensificar o processo de acumulação do capital. Tal processo pode ser identificado como *commodification* (mercadorização)⁷ a qual estendeu-se ao urbano, ou seja, como um processo presente na produção da cidade que gera espaços urbanos produzidos para promover a reprodução do capital, de características cada vez mais homogêneas em termos morfológicos e de normatização, independentemente de sua localização.

De fato, o processo de reestruturação produtiva das últimas décadas vem promovendo, em escala mundial, novas formas de articulação econômica e política entre Estado e capital na produção do espaço urbano, de tal modo que, em contradição com as necessidades da reprodução da vida urbana, visa essencialmente a ampliação da base social necessária ao processo de acumulação, uma vez que a produção atual do espaço urbano responde mais à necessidade de manter vivo o circuito de produção, circulação e consumo de mercadorias, num mundo altamente mercantilizado, do que às

⁶ Alguns autores como Castells (1996); Harvey (2011); Brenner, Marcuse e Mayer (2012), Villaça (2011) e Carlos (2009), Lefebvre (1971, 1978, 1991, 1999, 2011)

⁷ *Commodification* derivado do termo em inglês *commodity* o qual significa mercadoria ou produto, ou seja, bens de consumo de baixo valor agregado e com valor de troca.

necessidades humanas no tempo, no espaço e no cotidiano. Esse fenômeno representa uma radicalização do processo que transforma a paisagem urbana como mercadoria (...). (Alves, 2014, p.482)

Assim, desde algumas décadas, tal processo se dá especialmente através da urbanização, de modo que a terra, em especial o solo urbano ou a ser urbanizado, hoje é também mercadoria e desenvolve papel fundamental na reprodução do capital, encontra-se cada vez mais mediado por lógicas privadas de produção, conformação e de uso. O espaço urbano, portanto, não pode ser entendido como algo “natural”, mas sim enquanto espaço socialmente produzido pelo trabalho humano⁸.

Mesmo em cidades diferentes, para Arroyo (2014), os processos “(...) são materializações diversas de uma mesma dinâmica mundial de conformação do espaço urbano. Centros comerciais, aeroportos, pavilhões de eventos, condomínios fechados, subúrbios exclusivos, ilhas do terciário qualificado, entre outras manifestações, são fenômenos recorrentes na cidade contemporânea, originados no contexto do capitalismo transnacional, financeiro e pós-industrial (...).”⁹ (Arroyo, 2014, p. 517, tradução nossa).

⁸ Lefebvre (1971, 1978, 1991, 1999, 2011), Harvey (2011, 2012), Carlos (2007) e Villaça (2011).

⁹ Texto original: “(...) son materializaciones diversas de una misma dinámica mundial de conformación del espacio urbano. Centros comerciales, aeropuertos, predios feriales, urbanizaciones cerradas, suburbios exclusivos, islas del terciario calificado, entre otras manifestaciones, son fenómenos recurrentes en la ciudad contemporánea, originados en el contexto del capitalismo trasnacional, financiero y pós-industrial (...).” (Arroyo, 2014, p. 517)

A condição contemporânea do habitar¹⁰, portanto, encontra-se mediada por tendências de “dissolução e sufocamento” dos lugares – enquanto relacionais, identitários e históricos (Augé, 1994), em detrimento a espaços urbanos cada vez mais normatizados e homogêneos morfologicamente, caracterizados muito mais pelo intercâmbio de mercadorias e expressões de mobilidade do que por expressões culturais apoiadas na identidade e na memória, por exemplo. Para Cacciari (2011), “não há dúvida de que o território onde vivemos constitui um desafio radical a todas as formas de tradicionais da vida comunitária. Ele é real.”¹¹ (tradução nossa, p. 35).

¹⁰ *Habitar* neste trabalho será compreendido como “habitar a cidade”, “habitar o espaço urbano” e não no sentido da *morada heideggeriana*, uma vez que a mesma não apresentava ligação com o fenômeno urbano. O conceito original do *habitar heideggeriano*, ao ser desenvolvido por Lefebvre ganha sentido mais amplo do *habitar como apropriar-se de um espaço* ao relacionar-se com o fenômeno urbano, não se restringindo à casa (à morada). Nesse sentido, a definição adotada será a de Carlos (2007) a qual explicita que o ato do habitar consiste em “um conjunto de ações que articulam planos e escalas espaço-temporais que incluem o público e o privado, o local e o global, através da vida que se realiza pela mediação do outro, em que os indivíduos, imersos em uma teia de relações, constroem uma história particular que é, também, uma história coletiva” (p.94), guardando vínculo com a casa, mas desenvolvendo-se no espaço da cidade. É importante sinalizar que o habitar, na teoria de Lefebvre e, portanto, de Carlos diferencia-se de outros dois conceitos: do morar e do habitat, diferenciação a ser comentada no primeiro capítulo.

¹¹ Texto original: “(...) no cabe duda alguna de que el territorio donde vivimos constituye un desafío radical a todas las formas tradicionales de la vida comunitaria. Él es real.” (Cacciari, 2011, p. 35)

No(s) território¹²(s) da cidade contemporânea configurados também pelo advento da era da informática e dos grandes conglomerados econômicos, apresenta-se uma geografia de eventos em que conexões são feitas e refeitas entre pontos de modo incessante. Desse modo, inevitavelmente, os habitantes dessa cidade sofreram também transformações tanto em suas subjetividades quanto em suas relações sociais.

No que diz respeito aos aspectos social e subjetivo, os *habitantes da atual cidade*¹³ caracterizam-se *indivíduos que tiveram sua identidade alterada* frente a tendências de *desapego e desenraizamento* expressando-se através: do *desapego em relação* à outros indivíduos, à lugares geográficos, à tradições - étnicas, religiosas ou políticas-, e até mesmo à própria história pessoal (Costa, 2004); da *fragilização das formas tradicionais de sociabilidade* (Cacciari, 2011); da *individualização das relações sociais em detrimento das solidariedades coletivas com polarização entre ricos e pobres* (Laval & Dardot, 2013); além da *aparição de um novo sujeito e desenvolvimento de patologias psíquicas* (Laval & Dardot, 2013).

¹² Território será entendido a partir do entendimento de: exercício de *poder* sobre ele, ou da existência de relações de poder nele. Para (Haesbaert, 2014), desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de *terreo-terror* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”.

¹³ Para Muñoz (2008), esse novo habitante caracteriza-se como o *territoriante*, definido como aquele que habita fragmentos de território numa relação de mobilidade entre eles.

Neste sentido, indaga-se sobre as formas como se dá o *habitar a cidade* frente às tendências comentadas, questiona-se:

- Permanece a necessidade básica de construção de identidade nos lugares, que deve então constituir-se sobre outras bases simbólicas, assim como o caráter de coletividade inerente ao espaço urbano público?
- Concretiza-se a “perda de identidade” numa condição permanente de “estar-se em trânsito” - em movimento - entre espaços normatizados e homogêneos, e cada vez mais mediados pelo consumo nos quais a individualização se manifestaria de modo unívoco?
- Se as tendências de produção do espaço urbano são de homogeneização em termos morfológicos e simbólicos, de onde viria a possibilidade de diversificação/heterogeneização, caso houvesse?

Considerando o questionamento apresentado, porém sem o intuito de solucioná-lo por meio de resposta única, pode-se afirmar que o *habitar contemporâneo*, portanto, constitui-se: por um lado, em torno do *caráter dinâmico da cidade* (Cacciari, 2011) que agrega conteúdos heterogêneos (pessoas, objetos, informações) e ao mesmo tempo os coloca em movimento (em fluxo, materialmente ou não), como característica originária da cidade ocidental; e, por outro lado, em função de transformações nos ritmos e modos de vida, assim como na maneira em que seus habitantes se relacionam entre si e com o espaço urbano, como “característica nova” vinculada à *condição contemporânea*¹⁴ de estar-se permanentemente em transição em um contexto complexo.

¹⁴ Para Agamben (2009), a contemporaneidade é uma relação com o tempo independente da época: “(...) é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época,

Frente a esse panorama, identifica-se a *prática sócio-espacial* (Carlos, 2007) como elemento chave para a reflexão sobre os espaços urbanos uma vez que a mesma diz respeito “ao modo pelo qual se realiza a vida na cidade, enquanto formas e momentos de apropriação do espaço como elemento constitutivo da realização da existência humana”. Além disso, “as relações sociais se realizam, concretamente, na qualidade de relações espaciais – constituindo-se enquanto atividade prática” e “o espaço urbano apresenta um sentido profundo, pois se revela condição, meio e produto da ação humana – pelo uso - ao longo do tempo” (Carlos, 2007, p. 11)

As relações sociais e espaciais, portanto, manifestam-se enquanto atividade prática e a elas nos referiremos ao longo deste documento como *práticas socioespaciais*. No plano da vida cotidiana, por meio de práticas socioespaciais, os habitantes, aos quais nos referiremos enquanto *praticantes*, atuam na conformação do espaço urbano. *Praticantes do espaço urbano*, serão considerados todos os *possíveis sujeitos de desestabilização* do espaço urbano a partir de suas práticas. Neste sentido, espacialidades e temporalidades distintas geradas por tais práticas e

que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (p.59). Para Morin (2011), a abordagem contemporânea deve constituir-se enquanto forma distinta de observar a vida social, dinâmica e complexa, sem raízes na tradição do pensamento moderno. Para Alves (2014), com base na reflexão sobretudo sobre Agamben e Morin, portanto, “o contemporâneo não se constitui enquanto ideologia de época humana, ou de uma fase do conhecimento, por isso, e, no entanto, sempre existiu” permanecendo “em uma zona que não é plenamente inteligível, pois buscamos luzes do seu entendimento ao mesmo tempo em que estamos inseridos em seu sistema entrópico e rizomático, abertos a conectar de maneira contingente elementos que se relacionam por sua diferença, e não por sua similaridade, em processos híbridos que produzem heterogeneidade, multiplicidade e rupturas” (p. 475).

impressas no espaço urbano geram *urbanidade(s)*, aqui entendida(s) como um fenômeno produzido nas relações entre o social e o espacial (Netto, 2012).

Assim sendo, busca-se entender aspectos do habitar a partir da observação de espaços urbanos onde as práticas socioespaciais diversas ocorrem e são reconhecidas tanto por habitantes quanto por pesquisadores, podendo constituir-se como *totalidades empiricamente definidas* (Magnani, 2002). *Baixo Augusta- São Paulo (Brasil)* e *Alameda de Hércules- Sevilha (Espanha)* - ainda que muito diferentes entre si (em termos de localização, cultura, morfologia) além dos graus de análise possíveis em função da trajetória da pesquisa-, são eleitos, como objetos empíricos dotados de *potência de análise* para se discutir a problemática da cidade contemporânea.

Neste sentido, considerando-se riscos e dificuldades existentes do estudo em questão assim como suas limitações¹⁵, elabora-se um *conjunto de procedimentos adequados e estratégias de aproximação*¹⁶ indispensáveis

¹⁵ Entre as dificuldades, encontram-se: a eleição da observação e discussão de processos em curso, ou seja, da observação, leitura e análise de espaços urbanos vivenciando-os, sem o distanciamento que existe, por exemplo, em relação a objetos de estudo analisados historicamente ou a processos já encerrados; o caráter experimental do estudo em termos de construção de métodos; e o caráter exploratório, uma vez que não objetivou a comprovação de hipóteses de pesquisa, por exemplo. Entre as limitações relacionadas à realização de uma dissertação de mestrado, encontram-se: a abordagem parcial de temas complexos; e a análise de objetos empíricos de modo desigual tanto em função do tempo de observação em campo quanto da construção de procedimentos de abordagem no decorrer da pesquisa.

¹⁶ Conjunto de procedimentos adequados e estratégias de aproximação que integram método e abordagem experimentais, como: as visitas a campo e coletas de dados “sistemáticas” nos objetos empíricos, buscando aperfeiçoamento de um método específico; o cruzamento da teoria com situações empíricas de modo a elucidar termos e conceitos; as discussões com colegas

para construir um olhar sobre tais objetos empíricos e os processos socioespaciais em andamento, em conjunto com o referencial teórico mobilizado.

De modo amplo, portanto, empregam-se uma *abordagem entre escalas* e um *método experimental sobre espaços urbanos* onde há *potência de análise* - *Baixo Augusta (São Paulo-Brasil)* e *Alameda de Hércules (Sevilha-Espanha)* -, como meio de construção de um olhar que busque tornar visíveis aspectos e processos que dizem respeito a *contextos urbanos particulares*, mas que também permitam a abordagem de aspectos da problemática da cidade contemporânea.

Como resultado e produto, gera-se uma *cartografia socioespacial do urbano*, como conjunto de mapas nos quais confluem informações sensíveis e interpretativas. Sua finalidade é, portanto: por um lado, revelar urbanidade(s) específica(s) de cada objeto empírico, ou seja, dar pistas do que “faz” desses espaços urbanos o que eles “são”; e, por outro, mobilizar a discussão de modo amplo em torno do *habitar contemporâneo*.

A presente pesquisa perseguirá, portanto, a questão do *habitar* a cidade contemporânea através da observação em tempo real de práticas socioespaciais em espaços urbanos – em campo - frente às dinâmicas de transformação urbana e de expressão de processos socioespaciais, em objetos empíricos com potência de análise neste sentido. A partir da ação dos *praticantes do espaço urbano* – noção desenvolvida no Capítulo I-, portanto, busca-se a melhor compreensão de sua conformação assim como propositivamente, a construção de procedimentos e métodos que possam contribuir com a disciplina da Arquitetura e Urbanismo, seja de modo reflexivo e analítico

através de reuniões e eventos acadêmicos; o exercício da escrita em monografias, artigos e relatórios; e a realização de estágio de pesquisa no exterior (BEPE-FAPESP).

em nível teórico-metodológico, seja em aplicações que auxiliem práticas projetuais, com a finalidade de melhorar a compreensão de contextos urbanos particulares.

Desse modo, propõe-se a estrutura descrita a seguir.

No Capítulo I – O HABITAR CONTEMPORÂNEO, de caráter mais teórico, propõe-se a reflexão sobre a cidade numa condição de *transição permanente* em que um novo paradigma está se construindo (Pardo, 2011). A partir do principal referencial teórico, busca-se analisar quais seriam as características do habitar contemporâneo, explorando aspectos que vão caracterizar o espaço urbano assim como seus habitantes, a partir do ponto de vista das práticas socioespaciais, de modo amplo. Ao final, realizam-se as REFLEXÕES CRUZADAS | PARTE 1 na qual se apresentará e se discutirá o conceito de *urbanidade* (Netto, 2012) como fenômeno entre o social e o espacial, em relação a duas tendências atuantes no espaço urbano – no sentido de sua conformação, de modo promover sua homogeneização ou heterogeneização.

No Capítulo II - CONFORMAÇÃO DE ESPAÇOS URBANOS E PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS, apresentam-se os dois objetos empíricos eleitos: *Baixo Augusta- São Paulo (Brasil)* – objeto empírico original-, e *Alameda de Hércules-Sevilha (Espanha)* – objeto empírico paralelo. A partir de aspectos diversos, em seus contextos urbanos e históricos, “narra-se” a conformação desses espaços urbanos a partir de processos socioespaciais que neles se expressam e interferem além das transformações morfológicas e simbólicas ao longo do tempo. Por fim, apresentam-se as REFLEXÕES CRUZADAS | PARTE 2 as quais buscarão apontar suas particularidades, assim como pontos passíveis de aproximação entre eles em sua qualidade de *espaços em transformação*.

No Capítulo III - REVELANDO URBANIDADES ATRAVÉS DA CARTOGRAFIA, de caráter empírico, constroem-se *cartografias socioespaciais* de cada objeto empírico a partir das observações e coletas de dados de campo específicas

enquanto principal resultado da pesquisa. A construção de cada cartografia socioespacial buscará revelar a urbanidade de cada objeto empírico a partir das práticas socioespaciais retratadas e analisadas. Em seguida, apresentam-se as REFLEXÕES CRUZADAS | PARTE 3 as quais apontam aspectos das práticas socioespaciais atuantes na conformação dos espaços urbanos em questão.

Por fim, recuperam-se os principais pontos levantados e discutidos ao longo do trabalho em sentido conclusivo e prospectivo através da realização das *REFLEXÕES CRUZADAS ENTRE BAIXO AUGUSTA E ALAMEDA DE HÉRCULES* em sua forma final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agamben, G. (2009). “O que é o Contemporâneo e outros ensaios”. Chapecó: Argos.

Alves, M. R.; Tapia, C. (2014). Prólogo. *In Cidades* v. 11, (pp. 12-43) (Presidente Prudente).

Alves, M. R. (2014). Transformações Culturais e Contradições Urbanas do Espaço Público Contemporâneo. *In Cidades* v. 11, (pp. 470-497) (Presidente Prudente).

Arroyo, J. (2014). Procesos extremos en las ciudades argentinas de las últimas décadas. *In Cidades* v. 11, (pp. 500-549) (Presidente Prudente).

Augé, M. (1994). *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. [1992] Campinas: Papirus, 1994.

Brenner, N.; Marcuse, P.; Mayer, M. (org.) (2012). What is to be done? And who the hell is going to do it? *In Cities for people, not for profit*. London: Routledge.

Cacciari, M. (2010). La ciudad. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

____ (2011). La ciudad-territorio (O La Post-Metropoli). *In Planos de inter(sección): Materiales Para Un Diálogo Entre Filosofía Y Arquitectura* (pp. 32-45). Madrid: Lampreave.

Carlos, A. F. A. (2007). O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH.

Castells, M. (1996). *A sociedade em rede*. São Paulo: Editora Paz e Terra.

Costa, J. F. (2004). Declínio do comprador, ascensão do consumidor. In J. F. Costa, *O vestígio e a aura: Corpo e Consumismo na Moral do Espetáculo* (pp.131-184). Rio de Janeiro: Editora Garamond.

_____. A personalidade somática de nosso tempo. In J. F. Costa, *O vestígio e a aura: Corpo e Consumismo na Moral do Espetáculo* (pp.185-203). Rio de Janeiro: Editora Garamond.

Haesbaert, R. (2004). *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Conferência. Porto Alegre.

Harvey, D. (2011). O enigma do capital: e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo.

Heidegger, M. (2002). *Construir, Habitar, Pensar*. [1951] In: Ensaios e Conferências. (trad.) Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 2ª ed.

Laval, C., Dardot, P. (2013). *La nueva razón del mundo*. Barcelona: Editorial Gedisa.

Lefebvre, H. (1991). *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática.

_____. (1999). *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

_____. (1978). *De lo rural a lo urbano*. Antología preparada por Mario Gaviria. Barcelona: Península.

_____. (2011). *O Direito À Cidade*. São Paulo: Centauro Editora.

_____. (1971). *O fim da história*. Lisboa: Dom Quixote.

Magnani, J. G. C. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. [versão eletrônica]. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v(17), n. 49. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Morin, E. (2011). *Hacia donde va el Mundo?*. Grupo Planeta Spain: Madrid.

Muñoz, F. (2008). *Urbanalización. Paisajes Comunes, Lugares Globales*. Gustavo Gilli: Barcelona.

Netto, V. (2012). A urbanidade como devir do urbano. In D. Aguiar & V. Netto (orgs.), *Urbanidades*. (pp. 33-60). Rio de Janeiro: Folio Digital

Pardo, J. L. (2011). Disculpen las molestias. Estamos Transitando Hacia Un Nuevo Paradigma. In *Planos de inter(sección): Materiales Para Un Diálogo Entre Filosofía Y Arquitectura* (pp. 354-355). Madrid: Lampreave.

Villaça, F. (2011). São Paulo: segregação urbana e desigualdade. [versão eletrônica]. *Revista Estudos Avançados do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, v (25) n.71. São Paulo: Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142011000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

CAPÍTULO I

O HABITAR CONTEMPORÂNEO

Frente à problemática já brevemente apresentada em relação à cidade contemporânea, sinaliza-se um cenário por vezes “de emergência”, “de crise”. Para Alves (2014), crises ou emergências são, “conjunturas que nos servirão para colocar à prova a relação da sociedade e da cultura com o espaço urbano contemporâneo” (p. 475). Nesse sentido, a reflexão sobre a cidade numa condição de “transição permanente” em que um novo paradigma está se construindo, busca-se analisar quais seriam as características do *habitar contemporâneo*, explorando aspectos que vão caracterizar o espaço urbano assim como seus habitantes, a partir do ponto de vista das *práticas socioespaciais*.

Nesse sentido, o entendimento de *habitar contemporâneo* não se refere ao habitar enquanto o “morar”, do ambiente doméstico ou da residência, mas sim no sentido de *habitar a cidade* e, por extensão, *habitar o mundo*, hoje essencialmente um mundo urbano. Ainda que se referencie a partir do espaço da casa, o habitar desenrola-se nos espaços urbanos, e em movimento entre os *lugares* da cidade. Com o objetivo construir um panorama de características que irão configurar esse *habitar* que se discute, portanto, serão apresentados e discutidos aspectos da cidade atual a partir de algumas leituras, descritas a seguir.

Na primeira parte, será apresentado o *urbano lefebvriano* e sua diferenciação em relação à cidade. Será feita uma discussão buscando aspectos da cidade atual, a partir dos conceitos de cidade-território (Cacciari, 2010 e 2011); cidade urbanal e cidade multiplicada (Muñoz, 2008). Em seguida a noção de *apropriação* será desenvolvida como a principal expressão do *habitar a cidade*, no plano da vida cotidiana. Aqui será realizada a distinção fundamental entre: habitar e *morar*; habitar e *habitat*. Além disso, serão levantadas características sobre quem seja o *habitante* desta cidade, aqui definido como o *praticante do espaço urbano* – entendido como *aquele que pode desestabilizar o espaço urbano através de suas práticas*-, uma vez que o foco da observação em campo serão as *práticas socioespaciais*, também abordadas nesse trecho.

Por fim, serão apresentadas REFLEXÕES CRUZADAS | PARTE 1 | TENDÊNCIAS NO ESPAÇO URBANO E A CONSTITUIÇÃO DE URBANIDADES na qual se apresentará e se discutirá o conceito de *urbanidade* (Netto, 2012) como fenômeno entre social e o espacial, em relação a duas tendências atuantes no espaço urbano – no sentido de sua conformação, de modo homogeneização ou de heterogeneização.

1.1 HABITAR A CIDADE

Enquanto construção humana, a cidade é um produto histórico-social aparecendo nesta dimensão “como trabalho materializado, acumulado ao longo do processo histórico de uma série de gerações” (Carlos, 2007, p. 11). Assim, a cidade é “expressão e significação da vida humana, obra e produto, processo histórico cumulativo, a cidade contém e revela ações passadas, ao mesmo tempo em que o futuro, que se constrói nas tramas do presente (...) (p. 11) Portanto, para Carlos (2007), para pensar a cidade é necessário fazê-lo tanto em relação à sociedade quanto ao momento histórico atuais.

Desde suas origens, a cidade é “solicitada” por uma corrente dupla de “desejos”: desejamos a cidade como “colo”, como “mãe”, e, ao mesmo tempo, como “máquina”, como “instrumento”; queremos que seja ethos no sentido originário de morada e estância e, ao mesmo tempo, um meio complexo de funções; lhe pedimos segurança e “paz” e, ao mesmo tempo, pretendemos que tenha uma eficiência, eficácia e mobilidade extremas. A cidade está submetida a perguntas contraditórias. Querer superar tais contradições é uma má utopia. Ao contrário, é necessário dar-lhe forma. A cidade em sua história

é o experimento perene para dar forma à contradição, ao conflito. (tradução nossa, Cacciari, 2010, p. 07)¹⁷

Nessa perspectiva, para Cacciari (2011), a cidade está “submetida a perguntas contraditórias” por parte de seus habitantes, de modo que tentativas de superar tais contradições seriam um equívoco, uma vez que a cidade, historicamente, é “o experimento perene para dar forma à contradição e ao conflito” (tradução nossa, p. 07). Nesse sentido, as formas urbanas ocidentais contemporâneas, ainda que diversas e diferenciadas, assim como suas respectivas formas de vida urbana, apresentam como caráter comum o dinamismo extremo (Cacciari, 2010), o qual potencializa sua natureza contraditória e conflituosa do espaço urbano. Ou seja, a agregação de conteúdos espaciais e temporais diversos, combinada à mobilidade extrema – material (de produtos e pessoas) e imaterial (de informações) – compõe o dinamismo extremo notável nos espaços urbanos contemporâneos.

Com o intuito de dar forma às contradições e conflitos inerentes à cidade, portanto, buscar-se-á trazer à luz as “perguntas contraditórias” às quais está submetida a cidade. Cacciari (2011) coloca primeiramente que *não é possível falar de cidade enquanto uma divisão comunitária dos espaços*, uma vez que indústria e mercado “destruíram” num processo histórico a cidade (europeia) anteriormente existente, dando lugar à metrópole, que

¹⁷ Texto original: Desde sus orígenes, la ciudad está 'invertida' de una doble corriente de 'deseos': deseamos la ciudad como 'regazo', como 'madre', y, al mismo tiempo, como 'máquina', como 'instrumento'; queremos que sea ethos en el sentido originario de morada y estancia y, al mismo tiempo, un medio complejo de funciones; le pedimos seguridad y 'paz' y, al mismo tiempo, pretendemos que tenga una eficiencia, eficacia y movilidad extremas. La ciudad está sometida a preguntas contradictorias. Querer superar tales contradicciones es una mala utopía. Al contrario, se requiere darle forma. La ciudad en su historia es el experimento perenne para dar forma a la contradicción, al conflicto.

surge desse processo de destruição, e de consequente construção de um novo conjunto de valores – em transição a um *novo paradigma* (Pardo, 2011).

Do mesmo modo, para Lefebvre (1999; 2011), por cidade se podia entender a “cidade europeia”, antes do processo de *implosão-explosão*¹⁸ o qual deu lugar ao *urbano*¹⁹, numa perspectiva de transformação tão profunda que se tornou “sem volta”. O *urbano lefebvriano*, nesse sentido, nasce da industrialização, e se consolida durante o processo de urbanização ao longo do século XX, com maior expressão a partir da década de 1970 do mesmo século. Da implosão-explosão anuncia-se também uma *zona crítica*, onde a *problemática urbana* substitui, englobando, a problemática anterior - a industrial-, e de todas as outras anteriores a ela. Tal problemática consiste no *conjunto de*

¹⁸ O processo histórico de implosão-explosão (metáfora emprestada da física nuclear) é um importante conceito na obra de Lefebvre. Referenciando-se no caso europeu, a partir da década de 1970, configura-se como o momento inaugural do urbano ou da sociedade urbana pois: por um lado, a implosão implica na enorme concentração (de pessoas de atividades de riquezas de coisas e de objetos, de instrumentos, de meios e de pensamento) na realidade urbana; e, por outro lado, a imensa explosão, gera a projeção de fragmentos múltiplos e disjuntos (periferias, subúrbios, residências secundárias, cidades satélites, etc). Aqui é importante sinalizar que tal processo de implosão-explosão “ajuda a ler” processos extremos socioespaciais que se expressam em localidades diversas. No caso brasileiro, no qual a segregação socioespacial expressa-se como o processo principal, somente se pode investigar em profundidade a produção dos espaços urbanos quando se abandona fórmulas como *centro versus periferia* hoje insuficientes para qualquer abordagem.

¹⁹ Para Lefebvre, a realização do urbano - ou da sociedade urbana, é a hipótese fundamental que perpassa toda a obra do autor. Hoje virtual, no sentido do devir, amanhã real, realizável, o urbano se realizará como resultado da urbanização completa (para ele planetária) da sociedade.

questões que a sociedade atual, ainda a nossa, enfrenta: “Que fazer em relação às cidades? Como construir cidades ou aquilo que as substitua? Como pensar o fenômeno urbano?”.

O *urbano lefebvriano* define-se, portanto, como a *realidade não acabada*, mas em constituição num processo contínuo. No horizonte, o urbano é o *possível*²⁰, definido por uma direção, uma via, na qual é preciso a princípio contornar ou romper “os obstáculos”²¹ que o tornam *impossível*.

Conforme aponta Carlos (2007) para Lefebvre o *urbano*, associa-se a “ordem distante”, na qual se revela a generalização da urbanização e a “reprodução da vida em todas as suas dimensões – enquanto articulação indissociável dos planos local/mundial - o que incluiria, necessariamente, as possibilidades de transformação da realidade (a dimensão virtual)” (p.12). Já a *cidade* constituiria a “ordem próxima”, na qual se pode pensar “o plano do lugar revelando o vivido e a vida cotidiana através dos espaços-tempo da realização da vida” (p. 12)²².

Para Cacciari (2010), nesse sentido, também não se pode falar de “cidade” enquanto um conjunto acabado, mas sim *diversas e diferenciadas formas de vida urbana*, por isso, não é mera casualidade que “cidade” possa ser

²⁰ Para Lefebvre, o “devir”, o “virtual”, o “vir-a-ser” e o “possível” são termos equivalentes. O “possível” juntamente com o “real” são os elementos que constituem a realidade. Ou seja, a realidade, do “aqui e agora”, é formada pelo que “é” e pelo que “pode ser”.

²¹ Como obstáculos para a realização da sociedade urbana, Lefebvre aponta entre outras coisas: a divisão social do trabalho (separação entre campo e cidade); a fragmentação do conhecimento refletido nas ciências parcelares; e a atuação do Estado enquanto instrumento ideológico e de poder de classe;

²² Tais aspectos serão desenvolvidos no segundo tópico deste capítulo, nomeado “Apropriar-se como habitar o espaço”.

ditada de diferentes maneiras. Além disso, discute que as formas urbanas ocidentais guardam valores fundamentais da *civitas romana*²³ em detrimento a *pólis grega*²⁴. Na *civitas romana*, a ideia de se ter a cidade como uma finalidade nela mesma, ou seja, de que aquilo que une os habitantes não são laços de sangue ou pré-estabelecidos, mas a própria cidade como algo em comum, e como um fim, associando-se as formas urbanas atuais.

A principal característica notada é seu *dinamismo extremo* no qual combinam-se: *crescimento extremo*, por seu valor agregador de conteúdos espaciais e temporais diversos; assim como *mobilidade extrema - material* (de produtos e pessoas) e *imaterial* (de informações). Além disso, acrescenta também que a cidade de certo modo contém *a ideia de mundo, em sua dimensão temporal e espacial* - assim como o conceito do *urbano lefebvriano* é *aquilo que reúne e transforma tudo*²⁵, em ambas as dimensões espacial e temporal.

²³ Cacciari (2010) aponta que Roma era definida como Roma mobilis (imperium sine fine) na qual se observava a “síntese dos elementos mais díspares possíveis” em movimento e num crescente sem limites. Tal mito fundador, hoje recria-se e apresenta grande potência de leitura das formas urbanas ocidentais. Por outro lado, a *civitas romana* se caracterizava por um conjunto de pessoas que se reúne para dar vida a uma cidade, independentemente de suas orientações étnicas, religiosas ou parentais. Nela o foco é na própria cidade, pois é uma escolha estar nela e tem-se a cidade como própria finalidade. Submeter-se às mesmas leis é o que lhe dá unidade, pois os cidadãos se reúnem para perseguir um mesmo fim.

²⁴ Por um lado, a principal característica da *pólis grega* se definia pelos sentidos de morada, enraizamento e pertencimento. Nela o foco é em sua gente (genos/polites), um “tipo de gente” com ligação parental, sanguínea que nela constrói suas tradições. Por esse motivo, a cidade tinha uma limitação clara de crescimento, tanto populacional quanto no território.

²⁵ Lefebvre afirma que o urbano, enquanto forma, tem a capacidade de reunir tudo e transformar tudo aqui que nele se reúne: especialmente conteúdos heterogêneos, ordem e desordem anteriores - advindas do industrial e do agrário.

Diante de um processo de dissolução do que se entendia como *cidade tradicional*²⁶ para Cacciari (2011), na cidade atual – melhor caracterizada na figura da metrópole mundial-, as particularidades tendem a desaparecer ao mesmo tempo em que a capacidade de planejamento do espaço urbano, ou seja, onde “se impede qualquer tipo de programação”. Em outras palavras, antes as formas de cidade eram diversas em seu modo de produção, hoje, a metrópole é por excelência o local da produção e do intercambio de bens e de valores que tende a configurar espaços homogêneos - do ponto de vista morfológico-, e normatizados -do ponto de vista do uso-, muitas vezes indiferentes aos contextos locais onde se sucedem fatos e situações de base lógica já não correspondente a *nenhum desenho unitário do conjunto*²⁷.

Outro fator incidente nesse processo apontado por ele é a *rapidez das transformações de todas as naturezas que ocorrem nessa cidade*, impedindo que na mudança de uma geração a outra se conservem lembranças do passado, por exemplo. Para Cacciari (2011), portanto, é na metrópole denominada por ele como *cidade-território*, que se realiza plenamente o *processo de dissolução da própria identidade urbana*.

O que habitamos hoje? Perguntam-se os teóricos mais perspicazes. Habitamos cidades? Não, habitamos territórios. Onde termina uma cidade e começa outra? Os limites são puramente administrativos e artificiais, não tem nenhum sentido, nem geográfico nem simbólico, nem político. Habitamos em territórios indefinidos, e as funções distribuem-se em seu interior, para além de

²⁶ Assim como para Lefebvre, para Cacciari a cidade na qual se referencia é a cidade europeia.

²⁷ Cacciari exemplifica dizendo que catedral e fábrica, por exemplo, já não existem como elementos de estabilidade e referencia nesta cidade, pois não se trata mais da cidade medieval tampouco industrial, ou seja, a cidade de hoje carece de referências

*qualquer lógica que as programe, para além de qualquer urbanismo (...)*²⁸ (tradução nossa, Cacciari, 2011, 41)

Para Cacciari (2011), a cidade está por todas as partes, portanto já não existe cidade²⁹. Se já não habitamos cidade, habitam-se territórios indefinidos onde torna-se inconcebível a fixação de limites. A noção de *território* colocada pelo autor, portanto, encontra-se diretamente associada à noção de *mobilidade* em detrimento à noção de “fixidez”, no qual expressam-se e valorizam-se muito mais os fluxos em relação às permanências. Chegamos assim, segundo Cacciari, a uma “fórmula paradoxal” em que vivemos: *territorios des-territorializados*³⁰. Nesses territórios, entre outras coisas, edifícios se transformam em *acontecimentos* e as distâncias em *tempo*, enquanto duração, e isso

²⁸ Texto original: ¿Qué habitamos hoy? Se preguntan los teóricos más perspicaces. ¿Habitamos ciudades? No, habitamos territorios. ¿Dónde termina una ciudad y comienza otra? Los límites son puramente administrativos y artificiales, no tienen ningún sentido, ni geográfico, ni simbólico, ni político. Habitamos en territorios indefinidos, y las funciones se distribuyen en su interior, más allá de cualquier lógica que las programe, más allá de cualquier urbanismo (...). (Cacciari, 2011, 41)

²⁹ Aqui cabe uma aproximação do conceito de *cidade-território* de Cacciari (2010, 2011) ao conceito do *urbano lefebvriano*, como fenômeno que se generaliza e engloba a própria noção de cidade.

³⁰ Cacciari (2011) refere-se aqui aos conceitos de territorialização e desterritorialização que é explorado por diversos autores a partir de abordagens distintas. Em uma abordagem de caráter político, por exemplo, tem-se que a debilitação do Estado e as fronteiras cada vez menos rígidas são evidências da desterritorialização, a qual Castells (1996) aborda a partir dos conceitos de “sociedade em rede”, “espaço de fluxos” e “instabilidade territorial”. Em uma abordagem filosófica têm-se o duplo conceito de desterritorialização-reterritorialização de Deleuze e Guattari no qual todo processo de desterritorialização implica no movimento de reterritorialização. Aqui é importante destacar o papel determinante da dimensão temporal que influencia os movimentos.

se dá pela *exacerbação da dimensão temporal em relação à espacial*, implicando em movimento. Esse movimento coloca a ideia de que “os limites existem puramente para ser superados”, configurando uma espécie de “crise perpétua”, que não se pode solucionar.

Também para Muñoz (2008), a *dimensão temporal no território* (metropolitano) é fundamental e um dos principais desdobramentos territoriais da *cidade multiplicada*³¹. Ao indagar-se sobre qual seria o tempo do território, Muñoz (2008) conclui que sua definição se dá especialmente pelo *uso temporal que se faz deles*. Em outras palavras, o território é o *suporte de múltiplas temporalidades em função dos diferentes usos temporais que a população faz do mesmo*³². Tem-se, portanto uma coexistência e simultaneidade sobre o território de *diversas temporalidades distribuídas de maneira desigual sobre ele*. Assim, Muñoz (2008) indaga sobre qual seria o tempo do território:

³¹ Para Muñoz (2008), a cidade multiplicada se caracteriza pela lógica da conteineirização do espaço urbano como um todo, a qual reduz a cidade em seus atributos sociais e simplifica seus conteúdos. Como desdobramentos da cidade multiplicada no território e na paisagem, pontuam-se três fatores principais: a proliferação de “contenedores” (referência à Solà-Morales) onde a atividade urbana se desenvolve de forma autônoma gerando uma “geografia objetualizada” (feita de objetos independentes e não constituída por elementos que costumavam definir de forma orgânica o tecido e os espaços urbanos como praças, ruas, edifícios icônicos, parques e mercados; o surgimento de paisagens aterritoriais (referência à Sorkin) que podem ser reproduzidas e clonadas independente do lugar; a aparição dos “não-lugares” (referência à Augé) em consonância com o desenvolvimento do espaço de fluxos (referência à Castells). Todos os fatores contribuindo para o próprio processo de containerização do espaço em si, de modo generalizado.

³² Aqui Muñoz (2008) refere-se à Enric Mendizábal, o qual desenvolve a ideias de usos temporais do território em seu artigo “L’espai de vida dels habitants de la Regió Metropolitana de Barcelona” (1993).

“*tempo histórico dos lugares*³³” ou “*tempo real das redes*³⁴”? Tal questão aponta para uma provocação, pois são apontadas por ele as tendências da constituição de um *espaço de/em fluxo*³⁵ sobre um espaço onde antes mais facilmente se constituíam *lugares* – ou seja, na cidade enquanto “ordem próxima” e espaço do vivido cada vez mais expressa valores e tendências de homogeneização.

A *cidade multiplicada* (Muñoz, 2008) seria então o resultado da proliferação de *formas urbanas híbridas*³⁶, observada em três processos simultâneos: (a) uma nova definição da centralidade urbana e as funções a ela associadas; (b) a profusão/multiplicação dos fluxos e as formas da mobilidade no território; e a mais fundamental

³³ Refere-se à qualidade de histórico, que juntamente com outras duas qualidades de identitário e relacional, caracterizam o conceito de lugar antropológico de Augé (1994). O tempo de um lugar é, portanto, necessariamente histórico, pois demanda a identificação e constituição de “raízes” em um espaço de modo mais lento e profundo.

³⁴ Refere-se ao espaço de fluxos de Castells (1996), os quais se fazem cada vez mais evidentes, por isso de um “tempo real” que se faz presente. Os espaços de fluxo Segundo Muñoz (2008), a associação ao conceito de não-lugares de Augé é inevitável pois em oposição ao conceito de lugar “dificultariam” constituição de lugares enquanto processos de ordem identitária, relacional e histórica. Ver nota de anterior.

³⁵ Aqui se pontua a condição do espaço enquanto espaço “de” fluxos como o local por onde se deslocam/circulam os fluxos materiais (de pessoas e objetos) e imateriais (de informações e significados); e espaço “em” fluxo cujo movimento constante de sua transformação se dá em relação ao tempo, que cada vez mais se sobrepõe e o determina.

³⁶ Para Alves (2014), o termo hibridizações, ou também hibridações, associado ao espaço urbano, refere-se aos processos híbridos enquanto questão a ser pensada não apenas do ponto de vista de sua produção, mas do ponto de vista de sua recepção e contínua elaboração, no qual lógicas privadas estão sempre presentes.

para esta reflexão (c) a aparição de novos modos de *habitar* tanto a cidade quanto o território, no qual os habitantes são por ele caracterizados enquanto *territoriantes* – que habitam no movimento constante entre territórios.

A *cidade urbanal* (Muñoz, 2008), por sua vez, na qual destaca-se pela exacerbação do valor de troca – da cidade enquanto produto-, seria aquela referenciada na dimensão do consumo como característica fundamental ancorando-se em termos funcionais especialmente nas atividades relacionadas ao lazer, ao entretenimento, à cultura e ao turismo global.

O principal processo socioespacial responsável por produzir a *cidade urbanal* chamado por ele de *urbanização* se ancoraria em quatro requisitos fundamentais: (a) a imagem como primeiro fator de produção da cidade; (b) a necessidade de condições suficientes de segurança urbana associada a normatização e controle extremos do espaço; (c) o consumo do espaço urbano em tempo parcial, que implica no predomínio de comportamentos vinculados à *experiência do visitante entre lugares mais que o habitante do lugar*; (d) a utilização de alguns elementos morfológicos da cidade - como o espaço público - em termos de “praias de ócio”, ou seja, espaços esvaziados de sentido e de complexidade³⁷.

³⁷ O processo de urbanização aplicado a espaços públicos, tende a reduzi-los a, Através dos processos componentes da Para Muñoz (2008) as relações urbanas materializadas nos “espaços do público” são fundamentais na construção do imaginário coletivo e de representação dos próprios indivíduos - ou seja, de identificação tanto com a própria cidade quanto com a comunidade à qual se pertence, incluindo qualquer momento de afirmação coletiva, de protestos a festas, da memória à celebração. Com o processo de urbanização e seus componentes - especialização, privatização e tematização – a tendência é a desconfiguração dos espaços públicos reduzindo-os à espaços planejados e normatizados para a realização de atividades de consumo, ou seja, constituindo-se em praias de ócio. Praias de ócio são: especializadas - em algum tipo de serviço; privatizadas

Para Muñoz (2008), o processo por ele chamado de *urbanização* se reflete na transformação de espaços tradicionais da cidade a partir de modelos e padrões similares de intervenção, este processo geraria a segregação morfológica do tecido urbano (“ilhas” dedicadas à produção e ao consumo) de uma paisagem temática. Em outras palavras, a cidade se tornaria reduzida em seus atributos sociais e simplificada em seus conteúdos, com elementos tipológicos como ruas e praças *objetualizados* - de mesma morfologia urbana-, porém com funções urbanas simplificadas e tematizadas. Dito de outro modo, não só edifícios responderiam à lógica da *containeirização*, mas sim o espaço urbano como um todo, de modo generalizado.

Para Alves (2014), em referência a Muñoz (2008), a espacialidade urbana contemporânea se expressaria nesse “espaço controlado de modo que as dimensões da vida, suas expressões objetivas e disposições subjetivas, são fortemente reduzidas uma vez que encapsuladas pela produção de espaços onde a vida pública cada vez mais é tematizada e ocorre segundo regras pré-determinadas. (p. 485) Segundo Alves (2014), para Delgado (2011) o urbanismo viabilizaria uma nova forma de reprodução do capital através da ideologização e tematização do espaço público. Além disso, Delgado (2001) coloca que o favorecimento de transformações urbanas perversas se dá através de processos que “descaracterizam os lugares urbanos em prol de uma cidade planejada sob um ideal de consumo”, assim como a “ressignificação do espaço público não ocorre apenas quando espaços privados tentam cooptar o seu significado na tentativa de simular um “lugar” coletivamente apropriado, mas também que iniciativas públicas contribuem para uma funcionalização comercial do espaço público” (Alves, 2014, p.495)

- pela dominação do espaço por agentes, capital e interesses privados; além de tematizadas – a partir de alguma imagem externa usada como referência para construir-se uma espécie de “cenário artificial”.

Assim, para Carlos (2007), se por um lado a transformação é de *ordem formal* e se expressa nas “possíveis reestruturações das formas espaciais urbanas”, de modo amplo, o processo é fundamentalmente de *ordem social* direcionando o olhar para “novos sentidos de apropriação do espaço urbano pela sociedade, pois sinaliza para outros usos da cidade”. Assim como já sinalizado, a tendência é que sejam criadas “relações vazias produzindo o estranhamento”. Segundo Carlos (2007), o estranhamento se deve à “rapidez das transformações na metrópole” que “obriga as pessoas a se readaptarem constantemente, o espaço sempre cambiante que esvazia o uso e empobrece as relações sociais na cidade” (p.11).

Nesse sentido, no território da cidade contemporânea onde conexões são feitas e refeitas entre pontos (do território) de modo incessante, Cacciari (2011) aponta que as relações humanas nesse contexto se encontram mediadas inevitavelmente pela relação abstrata de *produção-intercambio-mercado* o que implica em um *desenraizamento* tanto em relação ao território, quanto aos outros indivíduos, configurando também o *problema do habitar contemporâneo*.

Não há dúvida alguma de que o território onde vivemos constitui um desafio radical a toda as formas tradicionais da vida comunitária. Ele é real. Toas as formas terrenais tendem a se dissolver na rede de relações orais. Mas, por isso, é necessário que o espaço assuma precisamente o aspecto de uma forma a priori, equivalente e homogêneo em os seus pontos, e isso significa que acompanhe a dimensão do lugar, a possibilidade de definir o lugar dentro do espaço, ou então a possibilidade de caracterizar a

*este último segundo uma hierarquia de lugares simbolicamente significativos.*³⁸ (tradução nossa, Cacciari, 2011, p. 35)

O *estranhamento*, o *desenraizamento do indivíduo* e a *fragilização das formas tradicionais de sociabilidade* demonstram, portanto, a condição contemporânea do habitar tensionada pela tendência de dissolução dos lugares, sufocados pelos locais de intercambio e expressões de mobilidade constantes.

É possível viver sem lugar? Pode-se viver onde não se produzem lugares? O habitar não tem lugar onde se dorme e de vez em quando se come, onde se vê televisão e se joga no computador pessoal: o lugar do habitar não é o alojamento. Somente uma cidade pode ser habitada, mas não é possível habitar a cidade se a mesma não se dispõe para o habitar; ou seja, se não “proporciona” lugares. O lugar é ali onde paramos: é pausa; é análogo ao silêncio em uma partitura. A música não se produz sem o silêncio. O território post-metropolitano ignora o silêncio; não nos permite parar, “recolhermo-nos” no habitar. Não conhece, não pode conhecer distâncias; estas são seu inimigo. No seu interior, todo lugar parece destinado a enrijecer-se, a perder intensidade até transformar-se em mera passagem, um momento da “mobilização” universal. (tradução nossa, Cacciari, 2011, 35-36)³⁹

³⁸ Texto original. “No cabe duda alguna de que el territorio donde vivimos constituye un desafío radical a todas las formas tradicionales de la vida comunitaria. El es real. Todas las formas terrenales tienden a disolverse en la red de relaciones orales. Pero por esto es necesario que el espacio asuma precisamente el aspecto de una forma a priori, equivalente y homogéneo en todos sus puntos, y esto significa que acompañe la dimensión del lugar, la posibilidad de definir el lugar dentro del espacio, o bien la posibilidad de caracterizar a este último según una jerarquía de lugares simbólicamente significativos.” (Cacciari, 2011, p. 35)

³⁹ Texto original. “¿Es posible vivir sin lugar? ¿Es posible habitar allí donde no se producen lugares? El habitar no se produce allí donde se duerme y de vez en cuando se come, donde se mira la televisión y se juega con el ordenador personal; el lugar del habitar

Aqui retomam-se as questões iniciais deste trabalho de que: se a necessidade básica de construção de identidade nos lugares permanece, essa deve então construir-se sobre outras bases simbólicas; e no caso de perda de identidade isso provavelmente se deve a permanente condição de estar-se em trânsito, em movimento entre espaços urbanos que são muitas vezes bem definidos, normatizados e homogêneos, ou seja, que não oferecem mínimas condições de identificação e/ou de permanência.

1.2 APROPRIAR-SE COMO HABITAR O ESPAÇO

Considerando-se o caráter dinâmico da cidade no contexto atual – de transição a um novo paradigma-, portanto, afirma-se que as dimensões da contradição e do conflito são inerentes aos espaços urbanos contemporâneos e, por extensão, são condições do próprio *habitar contemporâneo*. Enquanto o *urbano lefebvriano* se referencia em uma “ordem distante” de processos mais abstratos, a *cidade* constitui-se como uma “ordem próxima”, na qual se pode observar os espaços-tempo da realização da vida cotidiana.

Para Lefebvre (1973) “um espaço é a inscrição no mundo de um tempo. Os espaços são realizações, inclusões na simultaneidade do mundo externo de uma série de tempos, de ritmos da cidade, de ritmos da população urbana (...) (p. 211). Nesse contexto, a cidade é o(s) *uso(s) desse tempo* e para Lefebvre (1973), apenas a partir dessa

no es el alojamiento. Sólo una ciudad puede ser habitada, pero no es posible habitar la ciudad si ésta no se dispone para el habitar; es decir, si no "proporciona" lugares. El lugar es allí donde nos paramos: es pausa; es algo análogo al silencio en una partitura. La música no se produce sin el silencio. El territorio post-metropolitano ignora el silencio; no nos permite parar- nos, "recogernos" en el habitar. No conoce, no puede conocer distancias; éstas son su enemigo. En su interior todo lugar parece destinado a acartonarse, a perder intensidad hasta transformarse en nada más que en un pasaje, un momento de la "movilización" universal.” (Cacciari, 2011, 35-36)

compreensão poder-se-ia construir a cidade sobre novas bases, coerentes com o “novo projeto de humanidade”, numa perspectiva utópica.

Para Carlos (2007), a vida cotidiana como prática sócio-espacial - expressão atividade humana como ato/ação que se manifesta a partir do movimento do corpo-, desenrola-se no espaço da cidade onde também ganha sentido. Para Sobarzo (2006, p. 104), a vida cotidiana remete à relação entre “espaços de representação” - vividos, concretos, subjetivos, apropriados-, e as “representações do espaço” - abstratas, objetivas, dominadoras-, assim o espaço surge enquanto nível determinante para esclarecer o *vivido*, “na medida em que a sociedade o produz, e nesta condição apropria-se dele e domina-o.” (Carlos, 2007, p.12).

O lugar da realização da vida do homem comum, e da existência humana, portanto, é por excelência a *cidade* na qual a dimensão do *cotidiano* constitui-se como “categoria de análise” que oferece grande potência (Carlos, 2007). Desse modo, pode-se entender de fato e de maneira concreta como acontece o *habitar contemporâneo* e como se dá a *conformação dos espaços urbanos*, aproximando-nos do uso, apropriação e, portanto, das práticas socioespaciais assim como das coações e ações dominadoras.

O estudo da vida cotidiana oferece um ponto de encontro para as ciências parcelares e alguma coisa a mais. Mostra o lugar dos conflitos entre o racional e o irracional na nossa sociedade e na nossa época. Determina assim o lugar em que se formulam os problemas concretos da produção em sentido amplo: a maneira como é produzida a existência social dos seres humanos, com as transições da escassez para a abundância e do precioso para a depreciação. (...). Ela visa a virar pelo avesso esse mundo em que determinismo e opressões passam a ser racionais, ao passo que a razão sempre com sentido e fim o domínio dos determinismos. Tornar patentes as virtualidades do cotidiano não é reestabelecer os direitos da apropriação, esse traço característico da atividade criadora, pela qual o

que vem da natureza e da necessidade se transforma em obra, em um “bem” para e pela atividade humana, e em liberdade? (Lefebvre, 1991, p. 30)

O cotidiano⁴⁰ para Lefebvre (1991) é o campo ativo e dinâmico das práticas sociais e seus desdobramentos, ou seja, “onde acontece a vida”. Nele pode manifestar-se a miséria⁴¹ da existência humana - a qual se expressa na cotidianidade e em seu aspecto maçante e repetitivo-, assim como sua grandeza⁴² na qual manifestam-se também as *virtualidades* entendidas como o *devenir*. Numa perspectiva utópica, portanto, nele manifesta-se a atividade criadora

⁴⁰ Para Lefebvre, o cotidiano é o conjunto de atividades em aparência modestas, como conjunto de produtos e de obras bem diferentes dos seres vivos e, além disso, configura-se como “uma primeira esfera de sentido” ou um domínio no qual a atividade produtora (criadora) do homem se projeta, precedendo assim criações novas. Para ele é onde “tudo é contado” desde dinheiro até os minutos, e enumerado em “metros, quilos e calorias”, não somente os objetos, mas também os “vivos e pensantes”. No entanto, apesar dessa condição, “pessoas nascem vivem e morrem”, vivem bem ou mal: “É no cotidiano que eles ganham ou deixam de ganhar sua vida, num duplo sentido: não sobreviver ou sobreviver, apenas sobreviver ou viver plenamente. É no cotidiano que se tem prazer ou se sofre. Aqui e agora.” É importante pontuar que nem sempre existiu o cotidiano, pois o mesmo é produto do capitalismo.

⁴¹ Um dos dois “quadros possíveis” é a miséria do cotidiano que se caracteriza pelos trabalhos enfadonhos, humilhações, vida da classe operária, vida das mulheres e outras minorias, sobre as quais pesa a cotidianidade. Para Lefebvre (1991), é “o reino do número. O repetitivo. A sobrevivência na penúria e o prolongamento da escassez: o domínio da economia, da abstinência, da privação, da repressão dos desejos, a mesquinha avareza.” (p. 42)

⁴² Um dos dois “quadros possíveis” é grandeza do cotidiano na qual a se constrói o mundo prático-sensível a partir dos gestos repetitivos, onde se criam as obras, se produzem os bens e satisfazem as necessidades, especialmente pela atividade criadora da apropriação (do corpo, do espaço e do tempo, do desejo) a qual configura o ato do habitar.

humana caracterizada essencialmente pela *apropriação* - através do ato do *habitar* e vice-versa, sempre em relação a outras tendências “inversas” ligadas por exemplo ao *habitat* e ao *ato do morar*.

Em referência à Lefebvre, para Carlos (2007) o *habitar* diferencia-se do *habitat* e do *morar*, uma vez que somente o *habitar* *acessa a cidade enquanto obra*, em seu valor criativo, a medida em que os outros dois o *morar* e o *habitat* referenciam-se na *cidade enquanto produto*. O uso apresenta potencialidade para se diferenciar o *habitar* - “enquanto ato criativo, possibilidade de uma vida realizada em vários planos espaciais interligados de modo a criar um quadro amplo aonde a vida se realiza”-, em relação ao *habitat* – “que significa a redução da vida ao plano do espaço privado), em que a casa foi reduzida à função de mercadoria; uma funcionalidade produzida e determinada por razões técnicas” (p. 30). Em relação ao *habitar* em relação ao *morar*, ainda para Carlos (2007):

(...) a passagem do ato de habitar para o ato de morar, transforma o habitante em morador, e com isso, transforma o “usador” (cujo sentido é dado pelos modos de apropriação do espaço para a vida) em “usuário” (isto é, o habitante se transforma em um consumidor de serviços na cidade). Esse momento revela, em toda sua extensão, o fenômeno da implosão dos bairros no processo de reprodução do espaço da metrópole. (p. 84)⁴³

Para Carlos (2007) o *ato do habitar* implica em “um conjunto de ações que articulam planos e escalas espaço-temporais que incluem o público e o privado, o local e o global, através da vida que se realiza pela mediação do

⁴³ Para Carlos (2007), o *processo de reprodução do espaço na metrópole* apresenta como tendência “a destruição dos referenciais urbanos, isto porque a busca do incessantemente novo - como imagem do progresso e do moderno - transforma a cidade em um instantâneo, onde novas formas urbanas se constroem sobre outras, com profundas transformações na morfologia, o que revela uma paisagem em constante transformação.” (p. 13).

outro, em que os indivíduos, imersos em uma teia de relações, constroem uma história particular que é, também, uma história coletiva.” Assim coloca-se a “articulação entre o público e o privado se coloca como condição necessária da constituição do sujeito coletivo, como da constituição da vida” em dois planos: *o individual* - que se revela, em sua plenitude, no ato de habitar; e *o coletivo* - que diz respeito à reprodução da sociedade onde as histórias particulares ganham sentido na história coletiva (p.94). Aqui, enfatiza-se a qualidade das *relações sociais* necessariamente enquanto *relações espaciais* (Carlos, 2007).

(...) o ato de “habitar” está na base da construção do sentido da vida, revelado nos modos de apropriação dos lugares da cidade, a partir da casa. Significa afirmar que o ato do habitar produz a “pequena história”, aquela construída nos lugares comuns, por sujeitos comuns, na vida cotidiana. Mas na lógica capitalista esse sentido se revela em sua dimensão “improdutiva” e é nesse sentido que ao uso produtivo - a cidade produzida dentro dos estritos limites da produção econômica, enquanto condição da produção/reprodução do capital - se impõe o uso improdutivo do espaço, centrado na vida cotidiana. Em uma metrópole que se transforma, rapidamente, apoiada, em muitos momentos, por um planejamento autofágico, onde novas formas urbanas se impõem pela destruição das antigas (como consequência dos múltiplos processos de intervenção na metrópole), o *ato de habitar* é sempre redefinido. (Carlos, 2007, p. 94-95).

A noção de apropriação, portanto, coloca-se como fundamental nessa discussão, pois se caracteriza como o sentido e a *finalidade da vida social*⁴⁴, no plano do cotidiano e vivido pelos habitantes na qual se dá a ação de

⁴⁴ Esse entendimento origina-se na obra de Martin Heidegger, ao qual Lefebvre se referencia na noção de apropriação entendida como o próprio habitar. No ensaio de 1954, “Construir, Habitar, Pensar” (originalmente em forma da conferência *Bauen, Wohnen, Denken*, ministrada em 1951], Heidegger se dedica a discutir duas questões fundantes, em seu pensamento: “O que é o habitar?” e “Em que medida pertence ao habitar um construir?”. Para ele, a relação entre o homem e o espaço se dá enquanto

indivíduos e de grupos humanos sobre a natureza material através de suas práticas e de suas relações. Desse modo, então, se apresenta a potência do *apropriar-se/habitar* como ação que introduz a dimensão do prático, do concreto, do vivido no plano do cotidiano, assim como introduz a dimensão do imaginário e do sonho, ou seja, do *devir*, recolocando a dimensão da realidade enquanto não acabada, a ser construída.

Na apropriação se colocam as possibilidades da invenção que faz parte da vida e que institui o uso que explora o possível ligando a produção da cidade a uma prática criadora. Isto porque o homem habita seus espaços como atividade de apropriação (mesmo comprando um valor de troca, como uma casa por exemplo, em que a importância para seu habitante recai sobre o uso que se faz dela para realização da vida e a partir dela para a apropriação dos lugares da cidade), o que significa que esta se refere a um lugar determinado no espaço, a uma localização e distância construída pelo indivíduo e a partir da qual que se relaciona com outros lugares da cidade, atribuindo-lhes qualidades específicas. (Carlos, 2007, p. 12)

A apropriação pressupõe o conflito, uma vez que, sem ela, restaria apenas a expressão do que “tende à homogeneidade”, ou seja, à dominação. Segundo Lefebvre (1993) para o indivíduo, o *habitar é apropriar-se de um espaço*, incluindo a dimensão de *conflito* nele existente: “o conflito entre o apropriado e o não-apropriado, entre a infirmitude da vida subjetiva e o caos do mundo (da natureza)” (Lefebvre, 1991, p. 42). Assim, na vida social, o

o habitar e o construir o espaço de modo simultâneo, também no sentido de cultivar, ou seja, não se refere à construção material de edifícios, mas ao cultivo e a construção da relação entre os homens e os espaços. Neste sentido, o habitar, refere-se a questão da própria constituição do ser, sempre em relação ao espaço.

caráter conflituoso compõe o habitar, tanto para “pequenos grupos” quanto para “grandes grupos sociais” de uma cidade ou região:

Habitar é apropriar-se de um espaço: é também enfrentar as coações, ou seja, é o lugar do conflito, muitas vezes pouco expressivo, entre as coações e as forças da apropriação; este conflito existe sempre, sejam quais forem os elementos e a importância dos elementos presentes. Quando a coação impede qualquer apropriação, o conflito desaparece ou quase desaparece. Quando a apropriação é mais forte que a coação, o conflito desaparece ou tende a desaparecer em um sentido. Em outro sentido esses casos de superação dos conflitos são casos limites e quase impossíveis de alcançar. O conflito entre a apropriação e a coação é perpétuo em todos os níveis, e os interessados os resolvem em outro plano, o da imaginação, do imaginário. Qualquer cidade, qualquer aglomeração, teve e tem uma realidade ou uma dimensão imaginária, na qual se resolve o perpétuo conflito entre apropriação e coação no plano dos sonhos, e é necessário fazer um local para estes sonhos, para este nível de sonho, do imaginário, do simbólico, espaço que tradicionalmente ocupavam os monumentos. ⁴⁵
(tradução nossa, Lefebvre, 1978, p. 210)

⁴⁵ Texto original: Habitar es apropiarse de un espacio: es también hacer frente a los constreñimientos, es decir, es el lugar del conflicto, a menudo agudo, entre los constreñimientos y las fuerzas de apropiación; este conflicto existe siempre, sean cuales fueren los elementos y la importancia de los elementos presentes. Cuando el constreñimiento impide cualquier apropiación, el conflicto desaparece o casi desaparece. Cuando la apropiación es más fuerte que el constreñimiento, el conflicto desaparece o tiende a desaparecer en un sentido. En otro sentido estos casos de superación de los conflictos son casos límites y casi imposibles de alcanzar el conflicto entre apropiación y constreñimiento es perpetuo a todos los niveles, y los interesados los resuelven en otro plano, el de la imaginación, de lo imaginario. Cualquier ciudad, cualquier aglomeración, ha tenido y tiene una realidad o una dimensión imaginaria, en la cual se resuelve el perpetuo conflicto entre apropiación y constreñimiento en el plano de los sueños,

Para Lefebvre, manifestando-se no espaço urbano, a apropriação configura-se justamente como o negativo da propriedade privada e muitas vezes também daquilo que é normatizado, programado, imposto. Para Sobarzo (2006), as maneiras de apropriação do espaço caracterizam-se como uma “superação da racionalidade planejada e dominante que tenta se impor na cidade” (p. 104).

Nesse sentido, o ato de *habitar o espaço ou apropriar-se do espaço* refere-se ao espaço do habitante e do vivido, no qual pode-se desenvolver uma relação de domínio temporário e reversível no sentido do uso e no qual pode acontecer a identificação entre sujeitos e dos mesmos em relação ao espaço urbano. Isso difere-se por exemplo da propriedade privada e de espaços totalmente controlados e vigiados, por exemplo, nos quais o domínio e o controle expressam-se de tão modo elevado a ponto de limitar e impedir a expressão da diversidade, em termos de sujeitos e grupos e de tipos de usos, levando à dominação.

As relações de propriedade podem inviabilizar muitas vezes a apropriação social do espaço público no contexto urbano. O conceito lefebvriano de apropriação esclarece a propriedade, no limite, como não-apropriação, como restrição à apropriação concreta. A apropriação inclui o afetivo, o imaginário, o sonho, o corpo e o prazer, que caracterizariam o homem como espontaneidade, como energia vital. Mas, essa energia vital tende a recuar à proporção que cresce a artificialidade do mundo; ela é reelaborada do ponto de vista humano, porque, atualmente, as relações de propriedade invadem domínios cada vez mais amplos da existência, alcançando costumes e alterando-os. (Seabra apud Serpa, 2004, p. 33)

y es necesario hacer un sitio a estos sueños, a este nivel del sueño, de lo imaginario, de lo simbólico, espacio que tradicionalmente ocupaban los monumentos.

Segundo Delgado (2011), a dominação se concretiza através de mecanismos de mediação - entre um plano abstrato e distante e um plano próximo e concreto do real, ou seja, no plano do cotidiano - através de ideologias nas quais as classes dominantes conseguem que os governos a seu serviço obtenham um consentimento ativo dos governados, e inclusive a colaboração dos “setores maltratados”, travados por formas de dominação sutis e complexos, intrincados nas sociedades contemporâneas. Para Delgado (2011), a “dominação não só domina, mas também dirige e orienta moralmente tanto o pensamento como as ações sociais”. A dominação, portanto, não se faz (somente) pela violência, mas pelo consentimento dos dominados de modo a colaborarem com sua reprodução. Nesse sentido, aparatos ideológicos (como o Estado e todo tipo de normatizações) “educam” os dominados para assumirem como natural e inevitável sua condição.

Para Sobarzo (2006) e para Carlos (2007), em referência a Lefebvre, as *coações* estão ligadas à *dominação*, expressa pelas relações de propriedade e de controle, e na qual reside o sentido da *cidade enquanto produto*, muitas vezes pode “sufocar ou inviabilizar” a apropriação do espaço. Para Carlos (2007), a dominação “ganha o conteúdo das estratégias políticas que produzem o espaço da coação, posto que normatizado pela ordem que se impõe a toda a sociedade” (p. 12) atuando no sentido de direcionamento das práticas socioespaciais. Por outro lado, em contraposição à dominação, numa relação de conflito necessariamente, a apropriação se realiza enquanto “prática criativa em luta contra a norma” (p. 12) colocando as *possibilidades de transformação da realidade e o potencial de subversão*. Na *apropriação* (do tempo, do espaço, do corpo, do desejo), portanto, reside o sentido da cidade como obra⁴⁶.

⁴⁶ O sentido de obra para Lefebvre vem da Filosofia e da Arte renovadas (após uma crítica radical)

Para Lefebvre (2011), portanto, poder-se-ia renovar o sentido da *atividade produtora e criadora* ao “destruir a ideologia do consumo”, em última instância, e superar os desdobramentos da expressão da dominação, através dos usos que geram a apropriação, assim como o domínio temporário e reversível sobre o espaço, a constituição de lugares e construção de identidade e de vínculos com os espaços e entre sujeitos. Nessa perspectiva utópica⁴⁷, a apropriação (e não a dominação) seria o meio de realização do “projeto de humanidade” que resultaria na *sociedade urbana*, para o qual e pelo qual a cidade e a própria vida cotidiana na cidade se tornam *obra* (mais que produto), *apropriação* (mais que dominação), *valor de uso* (mais que valor de troca) servindo-se de todos os meios da ciência disponíveis: da arte, da técnica, do domínio sobre a natureza material.

1.3 PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS E OS PRATICANTES DO ESPAÇO URBANO

Na metrópole, os processos de transformação constante na paisagem e na morfologia dos espaços urbanos deve-se ao processo de reprodução do espaço – enquanto reprodução do capital, sobretudo, através da urbanização. Decorrente de processos socioespaciais apontados anteriormente, novas formas urbanas tendem a aparecer e desaparecer a todo momento, numa relação de substituição de formas anteriores, contribuindo para tendência de destruição de referenciais urbanos e de espaços de reconhecimento de indivíduos e grupos, ou seja, lugares da metrópole e trajetos cotidianos a eles associados.

⁴⁷ Tal perspectiva refere-se a um “novo Humanismo” diferente do “velho humanismo liberal”. O “humanismo do homem urbano” seria produzido pelo sujeito histórico (“nova classe operária”) com o intuito de “inversão do mundo invertido” pelo capital (projeto marxista) em direção a realização da sociedade urbana, principal hipótese da obra de Lefebvre.

A destruição dos referenciais urbanos fica visível no desaparecimento das marcas do passado histórico na e da cidade provocando, não só o estranhamento porque as formas mudam rapidamente, mas também, porque estas produzem as possibilidades que atestam o empobrecimento das relações de vizinhança, a mudança das relações dos homens com os objetos que lhe são próximos e o esfacelamento das relações familiares. (Carlos, 2007, P. 13)

Nesse sentido, o aspecto de *dinamismo extremo da cidade* apontada por Cacciari (2010; 2011) enquanto fator determinante de formação dos espaços urbanos, leva a uma tendência de reconfiguração constante dos espaços urbanos, de modo que, para ele, muitos espaços hoje se configuram como meros espaços de passagem por um lado, por outro a vivência nos espaços urbanos expressa-se muito mais “em movimento” através da passagem por espaços diversos, onde em sua visão, a princípio não se poderia habitar. A passagem por espaços, assim como nos espaços de passagem, portanto, compõem a condição contemporânea do habitar a qual expressa-se pela tendência de dissolução dos lugares, “sufocados” pelos locais de intercambio e expressões de mobilidade.

Desse modo, tendências da constituição de *um espaço de/em fluxo* sobre um espaço onde “antes mais facilmente se constituíam lugares”, demonstram que a dimensão temporal se sobrepõe à dimensão espacial nos territórios metropolitanos, e reflete nas espacialidades e temporalidades geradas pelas *práticas socioespaciais* nos espaços urbanos.

Nos espaços urbanos contemporâneos, portanto, o problema do habitar também se coloca a partir do habitante da cidade, os quais através dos usos e de suas práticas socioespaciais, tentam viabilizar modos de uso do espaço numa relação de adaptação e reconfiguração constantes, uma vez que se expressam transformações morfológicas constantes. A tendência de reconfiguração ou adaptação das práticas socioespaciais nesses espaços

comparece como condição de viabilização de sua existência e, também expressa transformações de aspecto social e subjetivo, no modo como se relacionam habitantes entre si e em relação ao espaço.

Para Carlos (2007) o próprio ato do habitar redefine-se e tenta “encontrar seu lugar” constantemente, uma vez que a tendência é impossibilitar o uso dos espaços públicos da cidade e em consequência a isso, o “distanciamento do indivíduo em relação aos lugares de realização da vida”. Já para Alves (2014), cada vez estão mais presentes “espaços dissociativos de agregação funcional”, produzidos para finalidades bem definidas ligadas a funções únicas como o consumo, nos quais não se privilegia a sociabilidade, mas seu oposto, representando um espaço do estranhamento e de relações superficiais. Em oposição, são cada vez mais raros os “espaços associativos de sociabilização” os quais assumem um “contexto de mediação por meio do qual as identidades sociais, práticas e as imagens socioespaciais podem ser criadas e contestadas”, ou seja, representam o espaço público enquanto o *locus* do conflito, da ação, da contestação.

O conjunto de transformações de aspecto físico/morfológico, como já sinalizado anteriormente, levam, portanto, necessariamente também a transformações de aspectos social e subjetivo.

Do ponto de vista dos habitantes, para Carlos (2007) frequentemente os variados processos que ocorrem no espaço urbano são destituídos de sentido uma vez que os indivíduos se tornam “instrumentos no processo de reprodução espacial” quando, por exemplo “suas casas se transformam em mercadorias passíveis de serem trocadas ou derrubadas (em função das necessidades do “progresso” imposto pelas necessidades do crescimento econômico que tem no espaço urbano, condição essencial de realização)” (p. 95). Assim, o habitar corre o risco de reduzir-se a uma “finalidade utilitária” na qual a apropriação vai sendo definida cada vez mais no “mundo da mercadoria”.

Também para Cacciari (2011), as relações humanas nesse contexto encontram-se mediadas inevitavelmente pela relação abstrata de *produção-intercambio-mercado* - a qual tende a destruir lugares onde antes havia identificação e reconhecimento por parte de seus habitantes-, implicando em um *desenraizamento* tanto em relação ao território, quanto aos outros indivíduos.

Como consequências de aspecto social e subjetivo, portanto de modo amplo, caracterizam-se *indivíduos que tiveram sua identidade alterada* frente a tendências de *estranhamento, desapego e desenraizamento* expressando-se através: do *desapego em relação à* outros indivíduos, à lugares geográficos, à tradições - étnicas, religiosas ou políticas-, e até mesmo à própria história pessoal (Costa, 2004); da *fragilização das formas tradicionais de sociabilidade* (Cacciari, 2011); da *individualização das relações sociais em detrimento das solidariedades coletivas com polarização entre ricos e pobres* (Laval & Dardot, 2013) e do individualismo expressivo que se reproduz como condição e produto da reprodução das relações sociais hoje (Carlos, 2007); além da *aparição de um novo sujeito e desenvolvimento de patologias psíquicas diversas* (Laval & Dardot, 2013).

Para Muñoz (2008), o entendimento da vida urbana no atual contexto também passa pelo dinamismo extremo, e especialmente da mobilidade. Considerando outros modos de uso do território em função do tempo - do *uso temporal que se faz dele-*, reflete acerca de habitantes originalmente de uma cidade os quais transitam e se deslocam pelo espaço não somente de uma, mas também de outras cidades. Em outras palavras, portanto, o território enquanto uma “manifestação espacial” é o suporte de *múltiplas temporalidades em função dos diferentes*

usos temporais que os habitantes fazem do mesmo. Tem-se, portanto uma coexistência sobre o território de diversas *temporalidades* distribuídas de maneira desigual⁴⁸ sobre ele.

Nesse sentido, para ele, o “novo habitante” da cidade contemporânea seria para Muñoz (2008) *territoriante*, entendido como aquele indivíduo essencialmente metropolitano que habita a *cidade-território* (Cacciari, 2010; 2011) numa relação de transitoriedade:

O *territoriante*, portanto, se define como *territoriante* entre lugares e não como um habitante de um lugar e constitui o protótipo do habitante da cidade pós-industrial. Por isso que os *territoriantes* pertencem a uma cidade nova, composta por fragmentos de território onde vivem trabalham, consomem e passeiam. Os *territoriantes* habitam geografias variáveis em cidades de geografia também variável. (Muñoz, 2008:26-27)

Frente à perspectiva colocada por Muñoz (2008) em relação aos *territoriantes* que “habitam geografias variáveis em cidades de geografia também variável”, se faz presente a questão de como identificar e analisar os “movimentos” desses indivíduos e grupos no território em função da busca por lugares entre pontos variados do

⁴⁸ Desigual aqui se refere a uma não homogeneidade dos usos temporais no espaço, por uma diversidade de fatores influentes. Pela concentração de um tipo de usos ou estabelecimentos, ou de faixa etária de grupos que frequentam ou habitam um local, pelos horários de maior concentração de pessoas e atividades, entre outros, podem-se coexistir mais ou menos temporalidades. Outro entendimento possível relaciona-se diretamente à noção de território já apresentada anteriormente, como o “suporte” de relações de poder, ou onde “se exerce o poder sobre”. Desse modo, o exercício de dominações no território, ou seja, o uso de poder de um grupo ou de uma classe sobre outros gera usos do tempo de modo desigualmente distribuído.

território. Em outras palavras, o movimento entre esses espaços e a construção da identidade através da mobilidade, neste caso, constitui uma *sensibilidade assim como uma “nova” maneira de relacionar-se com os espaços da cidade*.

Como também aponta Carlos (2007), considerando que a *produção da identidade* se realiza através das práticas socioespaciais – e do corpo - nos *lugares de apropriação* pela relação com o Outro, a constituição de identidades se realiza através de novos parâmetros, porém não deixa de existir. Nesse sentido Cacciari (2011) aponta também para um aspecto fundamental para essa discussão: a *dimensão do corpo do indivíduo* que nos auxilia a compreender o *porquê da busca por lugares*, ainda que em sua atual configuração, a metrópole ofereça cada vez menos condições para a construção de vínculos.

Para Cacciari (2011), o corpo entendido como “o lugar” originário do ser humano implica numa perspectiva de justificar a constante busca por lugares, já que “ainda” nos referenciamos pela dimensão física originária (do corpo), mesmo com o advento da mobilidade e de outras características fragmentadoras do espaço urbano contemporâneo:

*Mas, por que necessitamos lugares? Acredito que se deve a algo que concerne a nossa própria dimensão física mais originária. Refiro-me exatamente à physis, no sentido mais estrito. É concebível um espaço-sem-lugar onde “resiste” o lugar absolutamente primeiro que é nosso corpo? (...). Se somos lugar, como não buscar lugares?*⁴⁹ (tradução nossa, Cacciari, 2011, p. 36)

⁴⁹ Texto original: ¿Pero por qué necesitamos lugares? Creo que se debe a algo que atañe a nuestra propia dimensión física más originaria. Me refiero exactamente a la physis, en el sentido más estricto. ¿Es concebible un espacio-sin-lugar allí donde “resiste” el lugar absolutamente primero que es nuestro cuerpo? (...) Si somos lugar, ¿cómo no buscar lugares? (Cacciari, 2011, p. 36)

Na perspectiva de um mundo cada vez mais definido por redes informacionais e revoluções tecnológicas, se o corpo pudesse ser tratado *como uma informação*, “o problema estaria resolvido” e bastaria manipular tal informação sem que se guardasse qualquer aspecto material. relações materiais– tocando em um problema Desse modo, para Cacciari (2010; 2011) trata-se de um problema essencial – e sobretudo filosófico da existência, e do ser: seria possível a eliminação do espaço enquanto seguimos sendo corpos?- o fato de que não se pode realizar a “eliminação externa de todo lugar” uma vez que nosso próprio corpo já é presença física e é espacial, ou seja, é “o corpo é o lugar que somos”.

É como uso, isto é, através do corpo em atividade e movimento, que os habitantes usam os lugares e, ao fazê-lo, identificam-se com eles, posto que são os lugares onde se realizam os atos mais banais da vida cotidiana. É a concretização destes atos que produz a identidade cidadão-lugar que vai constituir a base sólida através da qual germinará e se alimentará a memória e, por sua vez, é a memória que, ao tornar presente as práticas e atos da vida, lhe dá espessura e, neste sentido, podemos dizer que a cidade revela-se enquanto acumulação de tempos que dão conteúdo ao presente. Como a identidade – construída, pelo habitante, praticamente a partir dos usos dos lugares da cidade- sustenta a memória, as formas urbanas, impressas na memória, articulam espaço e tempo, construídas a partir de uma experiência vivida, num determinado lugar. Nesse sentido a construção do lugar se revela, fundamentalmente, enquanto construção de uma identidade que vai sustentar a memória. Identidade e memória, na perspectiva aqui empreendida, surgem como realidade prática e não apenas subjetiva. (Carlos, 2007, p. 94)

O corpo, portanto, é o meio pelo qual o habitante vive o espaço da cidade, e atua na conformação dos espaços urbanos, assim como na construção de identidade e de memória, individualmente e sobretudo, coletivamente. Esse fato coloca a reflexão de que o ato do *habitar* se configura numa via de mão dupla: em que tanto

habitantes quanto cidade o configuram um influenciando na constituição do outro, de modo indissociável. Para Carlos (2007), portanto, o corpo nos dá acesso ao mundo e constrói relações espaciais e sociais, pois através dele os momentos de uso do espaço no cotidiano configuram-se como modos de apropriação dos espaços urbanos:

É assim que as relações que os indivíduos mantêm com os lugares habitados – através de seus corpos – se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no acidental; momentos do cotidiano dos habitantes em sua relação com os lugares da vida. É desta forma que os lugares vão ganhando sentido através das apropriações vividas e percebidas através do corpo e todos os sentidos humanos. É através de seu corpo, de seus sentidos que o homem constrói e usa os lugares – um espaço usado em um tempo definido pela ação cotidiana. Isto é, o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida - daí a importância do corpo e dos sentidos que comandam as ações, que envolvem e definem o ato de morar que tem a casa como centro, mas que a partir dela vai ganhando os significados dados pela articulação desta com o bairro, com a praça, com a rua através do movimento da vida. Nesse processo vão se identificando os lugares da vida, marcando/apoiando a relação com o outro. (Carlos, 2007, p. 43-44)

Assim, o *habitar* enquanto ato que guarda a dimensão do uso, e das práticas socioespaciais, se dá necessariamente em lugares da cidade os quais possuem localização e distancias relacionadas a outros lugares, qualificando-se numa rede de lugares habitáveis e apropriáveis. Assim, para Carlos (2007), o espaço do habitar é o “espaço concreto dos gestos, do corpo, que constrói a memória porque cria identidades através dos reconhecimentos, pois aí coabitam objetos e o corpo.” (p. 94), ou seja, onde se reproduz a vida.

Desse modo, admite-se que os *praticantes do espaço urbano* todos os indivíduos e grupos que atuem no espaço urbano a partir de sua presença física (corpos no espaço) e através de “modos de uso da casa, da rua, da cidade” promovem através dessa ação, “um conjunto múltiplo de significados”. Em outras palavras, em relação ao

corpo, os objetos a sua volta ganham sentido à medida em que a vida se desenvolve nos usos do espaço “constituem o mundo da percepção sensível carregada de significados afetivos, ou representações que superam o instante”. (Carlos 2007)

A profundidade da construção de sentidos e significação dos espaços urbanos, passa, portanto por um tipo de *enraizamento* - para além “do instante” - que torna esses espaços apropriáveis e, portanto, conformados enquanto lugares da metrópole e em conjunto com os trajetos cotidianos a eles associados, ainda que sejam sempre passíveis da expressão da dominação – e que apresentem caráter de fragmentação espacial e identitária.

Em função da “destruição dos referenciais individuais e coletivos” já comentadas, a *fragmentação* produzida, ocorre *tanto para o espaço* –no qual se realiza plenamente a propriedade privada do solo urbano, em última instância-, *quanto para a identidade* enquanto perda da memória social, a medida em que “os elementos conhecidos e reconhecidos, impressos na paisagem da metrópole, se esfumam no processo de construção incessante de novas formas urbanas.” (Carlos, 2007, p. 13)

Como já apontado, estranhamento, desenraizamento e mobilidade - resultantes da fragmentação em seu aspecto duplo-, colocam “novas características” a partir das quais o *pertencimento* a determinados *lugares* e a identificação entre praticantes e em relação ao espaço passam a ocorrer ancorados em “novos valores” – de modo que não necessariamente é preciso que se tenha nascido e vivido em um mesmo lugar, ou que se permaneça nele com grupos e pessoas com os quais se identifica durante longos períodos em certos espaços urbanos, para que se construam *vínculos* e *identificação*. Assim, para Carlos (2007), as práticas vão sendo “invadidas, paralisadas, cooptadas” por relações conflituosas que geram simultaneamente estranhamento e identidade, de modo contraditório.

Nesse sentido, admite-se que a própria a *mobilidade* pode criar a identificação e a construção e laços que se dão em fluxo, por exemplo. Além disso, assume-se que mesmo que a identificação ocorra de modo fugaz, no espaço de um instante, isso possa trazer a qualidade do ato de habitar da apropriação enquanto prática criadora que pode requalificar o espaço urbano no sentido da construção e lugares – identitários e relacionais.

A questão central é que a necessidade básica de *construção de identidade* – individual e coletivamente- *nos lugares* e mesmo *entre lugares* permanece, porém deve construir-se sobre outras bases simbólicas, assim como o *caráter de coletividade* inerente ao espaço urbano público também se reconfigura.

*Praticantes do espaço urbano*⁵⁰, portanto, serão considerados todos os *possíveis sujeitos de desestabilização* do espaço urbano, no sentido da possibilidade – ainda que não se realize - de superar ou alterar normatizações e limitações que dificultem a condição apropriável do espaço – constituição de lugares, mesmo partindo-se dos usos do espaço a partir de práticas de consumo ou outros tipos de atividades programadas, organizadas e bem limitadas.

⁵⁰ É importante sinalizar a que a noção de *praticantes* se diferencia do conceito de *actantes* de Bruno Latour (2005), uma vez que neste trabalho, praticantes são considerados apenas os elementos humanos. Para Latour (2005), *actantes* são tanto elementos humanos quanto não-humanos, os quais atuam na construção de relações sem hierarquia prévia, constituindo uma rede. Na teoria do ator-rede, o papel desempenhado pelo ator assim como a repercussão produzida em sua rede define sua condição de ator. Assim, tanto pessoas – elementos humanos, quanto elementos não-humanos - animais, coisas, objetos e instituições – podem constituir-se enquanto atores. A rede, por sua vez, constitui os nós, as interligações e conexões entre atores envolvidos.

1.4 REFLEXÕES CRUZADAS | PARTE 1

TENDÊNCIAS NO ESPAÇO URBANO E A CONSTITUIÇÃO DE URBANIDADES

Na cidade, persiste a diferença entre produto (como valor de troca) e obra (como valor de uso) assim como a presença de ambos. Nesse sentido, podem-se observar tendências homogeneizantes e heterogeneizantes no espaço urbano, as quais tendem a revelar expressões do conflito assim como diversas contradições.

Tendências de homogeneização são sobretudo aquelas que vem “de cima para baixo” e que se expressam na ideia do consumo do tempo e do espaço em espaços urbanos cada vez mais homogêneos, nos quais normatização e controle aparecem como elementos indispensáveis e ocorrem de modo extremo. A dominação, portanto, expressa-se através de processos sociais e espaciais como: a segregação – social, espacial ou socioespacial-, a tematização, privatização e especialização de espaços urbanos, onde as características morfológicas são cada vez mais padronizadas - independente das localidades.

Nos processos de *homogeneização do espaço*, portanto, os “protagonistas” para sua viabilização - em “escala decrescente de importância” -, são comumente: os Estados (neoliberais) enquanto promotores de capital privado; agentes como empresas transnacionais ou outros agentes “menores” como empresas locais, empresários e proprietários de estabelecimentos ou terrenos na cidade.

As tendências de heterogeneização, por sua vez são aquelas que vem “de baixo para cima”, ou seja, que se associam aos usos e às práticas socioespaciais diversas no espaço urbano. Ainda que usos e práticas socioespaciais sejam na grande maioria dos casos de naturalização de processos e de mecanismos de homogeneização - em espaços tematizados, regulados, programados, controlados-, apenas delas podem vir as tendências de heterogeneização do espaço. Sendo assim, a apropriação – enquanto atividade criadora, por excelência -, promovida pelos usos e pelas práticas, abriga o potencial e a ideia de resistência e subversão em relação às tendências de homogeneização. Assim,

a qualificação dos espaços urbanos enquanto *lugares*, apenas pode existir quando os usos e as práticas socioespaciais atuam no sentido de promover as diferenças no espaço, disputas de naturezas diversas, e, em consequência a isso, o *conflito* enquanto característica essencial do espaço público.

Nos *processos de heterogeneização do espaço*, portanto, os “protagonistas” para sua viabilização são indivíduos e grupos humanos diversos os quais qualificamos enquanto *praticantes no espaço urbano*. A “qualificação do espaço” por um lado se dá através do tempo nos modos variados de uso - espacialmente e temporalmente, por outro, a “qualificação social e subjetiva” se efetiva através dos vínculos criados entre *praticantes*, especialmente através da sociabilização; e entre *praticantes e o espaço urbano*, contribuindo para processos de ordem identitária, relacional e histórica associadas aos espaços urbanos, constituindo *lugares* (Augé, 1994).

Nos espaços da cidade, portanto, tendências irão configurar e conformar os espaços da cidade tanto no que diz respeito aos aspectos morfológicos e do ponto de vista dos usos, quanto no que diz respeito a aspectos sociais, subjetivos e simbólicos. Em outras palavras, tanto processos socioespaciais mais abstratos e “distantes” quanto as práticas socioespaciais no espaço do vivido, irão atuar no sentido da conformação e configuração dos espaços urbanos. O caráter desses espaços, aquilo que os caracteriza, será chamado por muitos autores de espacialidade urbana ou de urbanidade, enquanto termos que podem assumir múltiplas acepções, no entanto, sempre em referência à cidade e ao urbano.

Para Aguiar (2012), a *urbanidade*⁵¹ seria por excelência a *espacialidade urbana* a qual guarda uma relação intrínseca aos ritmos variados das práticas socioespaciais. Para ele, a relação entre as pessoas e o espaço, através do

⁵¹ O termo urbanidade possui definições múltiplas e é amplamente empregado quando o tema é o urbano e a cidade, sendo caracterizado como noção ou como conceito, a depender do autor que o define. Nesse sentido, Netto (2012) aponta para a

corpo, em suas ações e experiências do tempo nos espaços da cidade gera a *espacialidade urbana* – a urbanidade –, a qual relaciona-se a existência de temporalidades diversas.

“A urbanidade é composta, portanto, por algo que vem da cidade, da rua, do edifício e que é apropriado, em maior ou menor grau, pelo corpo, individual e coletivo. A urbanidade, assim entendida, estaria precisamente nesse *modo de apropriação* da situação pelas pessoas, seja na escala do edifício, seja na escala da cidade. Urbanidade não é sinônimo de vitalidade, no sentido de presença de pessoas, embora possa incluí-la. Nesse contexto o corpo naturalmente é o parâmetro; o comportamento espacial.” (Aguiar, 2012, p. 63)

Para Alves (2014) assim como para Carlos (2007), no contexto atual já apresentado, a urbanidade da cidade atual relaciona-se às características de fragmentação urbana e identitária as quais relações urbanas e sociais encontram-se fragilizadas e empobrecidas. Para Alves (2014), a urbanidade “revela características definidoras do espaço urbano, uma vez que o deslizamento das atividades cívicas em direção aos espaços privados coletivos promove, potencialmente, um espaço urbano fragmentário e transformam a relação público/privado” (p. 479). Para Carlos (2007) “um novo conjunto de relações revela a constituição de uma “nova urbanidade” permeada pela mercadoria e pela recusa do outro. Aqui uma “nova urbanidade” em constituição se cria ora a partir do triunfo do objeto sobre o sujeito - contexto em que as relações entre as pessoas passam pela simples posse da riqueza -, ora

“tensão posta no cerne de uma propriedade com essa aparente raiz universal, mas que emerge distinta em distintos contextos, será um dos obstáculos que qualquer um enfrentará no esforço de definir “urbanidade”” refletindo em uma diversidade de abordagens – desde a fenomenológica e cibernética à ontológica, passando por leituras morfológicas, sociológicas e sistêmicas.” (p.14).

pela exacerbação do individualismo que se reproduz como condição e produto da reprodução das relações sociais hoje. (p. 14, 2007)

Para Netto (2012), a *urbanidade* apresenta-se como um dos conceitos “mais ambiciosos sobre a condição urbana da vida coletiva e da nossa experiência” e vincula-se à dinâmica de experiências e práticas através dos modos de uso no espaço urbano. Aqui, assume-se que cada espaço urbano considerado pode assumir contornos particulares, a partir das práticas específicas, mesmo que existam tendências de conformação que atuem em níveis mais amplos, em escala mundial, de modo abstrato. Nesse sentido, se fala de *urbanidades*, como conceito no plural, em que cada contexto urbano apresenta a sua própria, em detrimento a *urbanidade* como definição “mais genérica” ou mesmo enquanto definição de uma definição ampla.

Nesse sentido, cada urbanidade - definidora de cada contexto urbano particular, seria composta por três dimensões: a primeira é a fenomenológica (reconhecimento do Outro e nossa experiência em comum a partir da cidade)⁵²; a segunda é a comunicativa (a cidade como ambiente para nossas interações simbólicas e meio de

⁵² A dimensão fenomenológica diz respeito à nossa experiência em comum a partir da cidade, ou seja, trata-se da experiência do outro em relação às percepções recíprocas e ocorre na esfera do sujeito. A relação entre sujeito e mundo é o enfoque fenomenológico e se ocupa de tentar decifrar como a urbanidade é percebida pelo sujeito. Considerando-se que existe a possibilidade de sobreposição dos campos de percepção dos sujeitos atuando em seus entornos existiria na sobreposição gerada pela cidade uma influência nos encontros. Assim, a possibilidade de termos de experiências em comum parece um dos aspectos mais importantes da vida urbana e na percepção do sujeito, passa a ser um fator de integração social.

comunicação)⁵³; a terceira é a ontológica (o papel das cidades na ligação entre o humano e o material, entre nossas práticas e a moldagem da materialidade do mundo à volta na forma das cidades)⁵⁴.

Assim, ao abordar as três dimensões possíveis, chega-se à noção de que *diferenças de urbanidade* são *diferenças em formas de vida e suas espacialidades*. Nesse sentido, a percepção disso só pode acontecer quando as interpretações são aprofundadas, a partir da observação: das formas das práticas socioespaciais, dos conteúdos comunicados, dos gestos e falas que acontecem na interação e são mediados por tradições. *A urbanidade, portanto, não pode ser capturada quantitativamente.*

Assim, cada cidade e cada bairro teriam sua urbanidade. Tal urbanidade poderia mudar no tempo, o tempo todo. Chegamos a uma visão de diferentes urbanidades decorrentes das idiossincrasias que diferenciam cada cidade – projeção de formas de vida menos ou mais integradas entre si.” (Netto, 2012, p. 53)

⁵³ A dimensão comunicativa diz respeito à cidade como ambiente para nossas interações simbólicas. O enfoque comunicativo se ocupa de tentar decifrar a urbanidade como imersão em alteridades, associada à intensidade e diversidade comunicativa na cidade. Para ele, “a cidade representa a possibilidade de densidade de comunicação e relação entre práticas, de compressão das interações, tecido da conectividade dos nossos atos e de estruturação social – uma urbanidade efetivada como entrelaçamento de atores e espaços na produção da troca linguística.” (Netto, 2012, p. 49)

⁵⁴ O enfoque ontológico se ocupa de tentar decifrar a urbanidade tanto como resultado quanto como meio de integração social. Desse modo o papel integrador da cidade se mostraria na urbanidade enquanto a realização do espaço enquanto sistema que relaciona e conecta outros sistemas de integração social e intensificação das trocas urbanas e dinâmicas cotidianas em nossos atos e experiências.

Desse modo, a *urbanidade* será entendida como um fenômeno produzido nas relações entre o *social* e o *espacial*, no qual se observam diferenças em socialidades e espacialidades (e temporalidades) de modo que se colocariam como fontes de diferenças de *urbanidade*, refletidas na coexistência e na convergência das alteridades. Dessa maneira, cada contexto urbano particular possui a sua própria urbanidade, a qual é passível de alterar-se com o tempo, uma vez que a conformação de espaços urbanos se dá de modo dinâmico e processual no decorrer do tempo. A(s) urbanidade(s) como o *devir do urbano*, para Netto (2012), aponta ao seu *reconhecimento em toda sua diversidade*, associadas a um *ethos urbano*, enquanto uma condição para a vida coletiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aguiar, D.; Netto, V. M. (org.). (2012). Urbanidades. Folio Digital: Letra e Imagem. Rio de Janeiro.

Alves, M. R.; Tapia, C. (2014). Prólogo. In Cidades v. 11, (pp. 12-43). (Presidente Prudente).

Augé, M. (1994). *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. [1992] Campinas: Papirus, 1994.

Cacciari, M. (2010). La ciudad. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

____ (2011). La ciudad-territorio (O La Post-Metropoli). In *Planos de inter(sección): Materiales Para Un Diálogo Entre Filosofía Y Arquitectura* (pp. 32-45). Madrid: Lampreave.

Carlos, A. F. A. (2007). O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH.

Costa, J. F. (2004). Declínio do comprador, ascensão do consumidor. In *O vestígio e a aura: Corpo e Consumismo na Moral do Espetáculo* (pp.131-184). Rio de Janeiro: Editora Garamond.

____. A personalidade somática de nosso tempo. In *O vestígio e a aura: Corpo e Consumismo na Moral do Espetáculo* (pp.185-203). Rio de Janeiro: Editora Garamond.

Delgado, M. (2002). Etnografía del espacio público. In *Revista de antropología experimental*, n. 2. ISSN 1578-4282.

____ (2011). El espacio público como ideología. Madrid: Catarata.

Heidegger, M. (2002). *Construir, Habitar, Pensar*. [1951] In: Ensaios e Conferências. (trad.) Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 2ª ed.

Latour, B. (2012) *Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-rede*. Salvador: Edufba, 2012.

Laval, C., Dardot, P. (2013). *La nueva razón del mundo*. Barcelona: Editorial Gedisa.

Lefebvre, H. (1991). *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática.

____ (1999). *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

____ (1978). *De lo rural a lo urbano*. Antología preparada por Mario Gaviria. Barcelona: Península.

____ (2011). *O Direito À Cidade*. São Paulo: Centauro Editora.

____ (1971) *O fim da história*. Lisboa: Dom Quixote.

Muñoz, F. (2008). *Urbanización. Paisajes Comunes, Lugares Globales*. Gustavo Gilli: Barcelona.

Netto, V. (2012). *A urbanidade como devir do urbano*. In D. Aguiar & V. Netto (orgs.), *Urbanidades*. (pp. 33-60). Rio de Janeiro: Folio Digital.

Pardo, J. L. (2011). *Disculpen las molestias. Estamos Transitando Hacia Un Nuevo Paradigma*. In *Planos de inter(sección): Materiales Para Un Diálogo Entre Filosofía Y Arquitectura* (pp. 354-355). Madrid: Lampreave.

Seabra, O. (1996) *A insurreição do uso*. In: José de Souza Martins (org.). *Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética*. (pp.71-86). São Paulo: Editora HUCITEC.

Serpa, A. (2004). *Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica*. Revista GEOUSP - Espaço e Tempo, n. 15. (pp. 21-37). doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2004.123865>

Sobbarzo, O. (2006). *A produção do espaço público: da dominação à apropriação*. Revista GEOUSP - Espaço e Tempo, n. 19. (pp. 93-111). doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2006.73992>

CAPÍTULO II

CONFORMAÇÃO DE ESPAÇOS URBANOS E PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS

Figura 1. Mapa de Juan de la Cosa, confeccionado no Porto de Santa Maria, Espanha. “Novo mundo” (Américas, acima) e “Velho mundo” (Europa, abaixo). Representação do continente americano no contexto das expedições europeias do século XV. Ano: 1500.

Baixo Augusta- São Paulo (Brasil) e Alameda de Hércules- Sevilha (Espanha) - ainda que muito diferentes entre si (em termos de localização, cultura, morfologia) além dos graus de análise possíveis em função da trajetória da pesquisa-, são eleitos como objetos empíricos dotados de potência de análise para se discutir a problemática da cidade contemporânea. Ambos são espaços urbanos onde as práticas socioespaciais diversas ocorrem e são reconhecidas tanto por habitantes quanto por pesquisadores, podendo constituir-se como totalidades empiricamente definidas (Magnani, 2002). Assim sendo, se apresentarão os dois objetos a partir de aspectos diversos, de modo a “narrar” a conformação desses espaços urbanos, já apontando suas particularidades, assim como pontos passíveis de aproximação entre eles.

Para traçar os contornos desses espaços urbanos serão considerados “aspectos mais abstratos e amplos” assim como “aspectos mais concretos e próximos”, ou seja, escalas diversas de aproximação. Os aspectos mais abstratos e amplos relacionam-se a processos mundiais ou de expressão mundial em espaços urbanos de diferentes localidades. Já os aspectos mais concretos e próximos referem-se às práticas socioespaciais no seu conjunto, as quais são influenciadas ou moldadas pelos primeiros, por um lado, mas que também, por outro, podem consolidar-se em função de arranjos muito específicos não esperados, expressando disputas por espaços ou por significados.

Assim, os objetos *Baixo Augusta - São Paulo (Brasil)* e *Alameda de Hércules - Sevilha (Espanha)*, serão apresentados em função: de breve contexto histórico de cada um deles- para o *Baixo Augusta* serão contemplados acontecimentos durante o século XX, já para a *Alameda* acontecimentos desde o século XVI; do contexto urbano de cada um deles – qual a inserção e o papel dos objetos nas respectivas cidades, São Paulo e Sevilha; das transformações morfológicas e simbólicas ao longo do tempo, bem como outras mais recentes - que dão contornos de sua configuração morfológica assim como sua imagem e conjunto de significados a eles associados; dos processos socioespaciais que neles se expressam e interferem em sua conformação. Por fim, serão apresentadas REFLEXÕES CRUZADAS | PARTE 2 | TRANSFORMAÇÕES MORFOLÓGICAS E SIMBÓLICAS NA CONFORMAÇÃO DE ESPAÇOS URBANOS na qual se realizará uma análise prévia de ambos a partir do cruzamento desses tópicos.

BAIXO AUGUSTA

SÃO PAULO. BRASIL [OBJETO EMPÍRICO ORIGINAL]

2.1 BAIXO AUGUSTA. SÃO PAULO. BRASIL [OBJETO EMPÍRICO ORIGINAL]

O *Baixo Augusta* localizado na região central da cidade de São Paulo, entre o Centro Antigo e a Avenida Paulista, consiste no objeto empírico eleito original desta pesquisa, o qual será brevemente contextualizado e descrito a seguir. Devido à sua localização, ainda que não possua contornos físicos exatos, e ao conjunto de práticas socioespaciais nele observado⁵⁵, o objeto possui importante papel para a discussão de processos de constituição da cidade de São Paulo especificamente. Além disso, no *Baixo Augusta* também se observam processos e aspectos que dizem respeito a um “caráter global e genérico” que se manifesta em outros espaços urbanos de diferentes localidades do mundo, - inclusive no objeto empírico eleito paralelamente, a *Alameda de Hercules*, em Sevilha-Espanha.

Para situar o objeto, serão apresentados brevemente aspectos de constituição da cidade São Paulo, a partir do *movimento de criação e abandono de centralidades* e de aspectos do *processo de segregação socioespacial*, revelando algumas características atuais da metrópole. A partir dessa contextualização, se justificará a escolha do

⁵⁵ O conjunto de práticas socioespaciais observadas por essa pesquisa no momento atual serão o foco do Capítulo 3 deste documento, onde serão apresentadas e caracterizadas. Entra elas, destacam-se algumas de antemão: a prática que ocorre ao longo de algumas horas no período noturno por diversos grupos de jovens que se movimentam entre pontos no espaço em torno do de atividades de ócio e lazer; a permanência de grupos diversos sobretudo nas esquinas associada ao consumo em bares e restaurantes, sobretudo no período noturno; grupos de ciclistas e skatistas em trânsito pela área seja de dia ou de noite majoritariamente no sentido avenida paulista-centro, no espaço da via entre veículos motorizados; a prática individualizada de trabalho dos catadores de papel no espaço da Rua Augusta, em movimento ascendente-descendente no período da manhã e início da tarde; a atividade dos vendedores ambulantes de produtos em conjunto com os fluxos e permanências noturnas; a atividade dos vendedores ambulantes – de livros e de filmes - ligadas a equipamentos âncora como cinemas e instituição de ensino; a circulação de pessoas em situação de rua mobilizadas em função dos momentos de maior concentração de pessoas na área; deslocando-se a outros pontos ou assumindo papel de pedintes por doações; entre outros exemplos.

objeto em função de sua inserção urbana e localização, algo que remete a um processo de décadas e com ligação à totalidade da metrópole.

Também, do ponto de vista do simbólico, se apresentará o objeto como uma região e conjunto de valores mobilizados, a partir de seus habitantes e suas práticas diversas assim como de uma *imagem construída e valorizada*, que remete a um período muito mais recente e relaciona-se, por um lado, com características muito particulares, que caracteriza apenas *Baixo Augusta enquanto Baixo Augusta*, e por outro lado mobilizam tendências e gostos globalizados.

2.1.1 PROCESSOS SOCIOESPACIAIS na metrópole de São Paulo.

A metropolização⁵⁶ e consolidação da cidade de São Paulo em polo global de acumulação e centro financeiro e de outros serviços qualificados em escala nacional e mundial ocorrem a partir da década de 1970, juntamente com outras cidades no mundo. O processo de crescimento desmesurado da cidade de São Paulo, em direção às periferias é um dos aspectos mais evidentes, o qual dialoga diretamente com processo de segregação socioespacial, muito notável nas cidades brasileiras. Para Villaça (2011):

⁵⁶ Metropolização é um processo que se baseia na relação básica de que a industrialização sempre vem a induzir a urbanização, gerando crescimento populacional, aumento do número de residências, de oferta de comércios e serviços, assim como uma ocupação do território. Esse processo refere-se ao crescimento urbano de uma cidade e sua constituição como centralidade de uma *região metropolitana*, isto é, de uma área composta por vários municípios que congregam a mesma dinâmica espaço-territorial. A metrópole passa a ser vista como a zona na qual as demais cidades tornam-se dependentes e interligadas economicamente, e tem escalas: regional, nacional e global. No Brasil além de São Paulo, que segue sendo a mais expressiva, o Rio de Janeiro é considerado uma metrópole global.

(...) o enorme desnível que existe entre o espaço urbano dos mais ricos e o dos mais pobres. Transferido para o campo do urbano, a premissa dada passa a ter o seguinte enunciado: nenhum aspecto do espaço urbano brasileiro poderá ser jamais explicado/compreendido se não forem consideradas as especificidades da segregação social e econômica que caracteriza nossas metrópoles, cidades grandes e médias. (Villaça, 2011, p. 37)

Villaça (2011) afirma que para compreenderem-se aspectos da sociedade brasileira, “o ponto de partida sempre será a manifestação da enorme desigualdade econômica e de poder político”. Para ele, o “maior problema do Brasil não é a pobreza, mas a desigualdade e a injustiça a ela associada” (p. 37), de modo que é fundamental a análise do espaço urbano das metrópoles brasileiras, os quais manifestam espacialmente a desigualdade que impera em nossa sociedade.

Simplificadamente, explicar qualquer processo social – a segregação urbana incluída – é articulá-lo à totalidade social (os aspectos econômico, político e ideológico da sociedade) e a seus movimentos. E por meio dele mostrar como a segregação se articula com a mais importante (mas não a única) das manifestações explicativas das transformações sociais, ou seja, a dominação social, que gera a desigualdade, especialmente acentuada no Brasil. (Villaça, 2011, p. 40)

Para Villaça, portanto, a dominação social geradora das desigualdades, possui vinculação direta com os processos socioespaciais que se manifestam no espaço urbano, no caso das metrópoles brasileiras⁵⁷. Partindo-se da abordagem do espaço urbano como produto produzido, a segregação urbana, portanto, corresponde à

⁵⁷ Aqui é importante destacar que para Villaça (2011), a segregação urbana em sua forma clássica - a partir de sua distinção centro-periferia-, é hoje insuficiente para explicar a metrópole de São Paulo. Por outro lado, a abordagem por grandes regiões da cidade, e não por bairros, possui “grande potencial explicativo de compreensão não somente do próprio processo de segregação e, também, de articulação com outros aspectos da sociedade” (Villaça, 2011).

representação espacial da segregação social e das desigualdades na cidade e consiste na marginalização de grupos sociais em detrimento a outros, em função de aspectos econômicos, culturais históricos e raciais, entre outros. E ela se dá basicamente na delegação de vantagens às camadas abastadas da sociedade e de desvantagens às camadas desfavorecidas, numa relação de “manipulação” do tempo (deslocamentos urbanos) e de espaço (criação de localizações) ambos atuando na produção de espaços.

No caso de São Paulo, metrópole onde se localiza o Baixo Augusta - objeto empírico da presente pesquisa-, a segregação socioespacial constitui-se fundamentalmente através do processo contínuo e impositivo de criação e abandono de *centralidades* na cidade (Frúgoli Jr., 2000; Carlos, 2009; Villaça, 2011) que, portanto, manifesta a produção do espaço urbano segregado em função das decisões e escolhas das camadas dominantes da sociedade:

Ao comandar a produção do espaço urbano, a classe dominante comanda não só a sua produção material e direta, seu valor e seu preço (comandando o mercado imobiliário). Comanda também as ações do Estado sobre esse espaço (legislação urbanística, localização dos aparelhos de Estado, produção do sistema de transportes etc.) e ainda a produção das ideias dominantes a respeito dele. Tudo isso na verdade é o que especifica o espaço urbano. (Villaça, p. 53)

Em São Paulo, ao analisar-se a “distribuição espacial das classes sociais (...)”, verifica-se que há uma região geral da cidade onde ocorre uma excepcional concentração das classes de mais alta renda” (Villaça, 2011). Essa região composta por vários bairros de camadas variadas – incluindo camadas de mais baixa renda-, apresenta evidente concentração de população de mais alta renda e caracteriza-se como o *quadrante sudoeste* da cidade⁵⁸.

⁵⁸ Em relação à Região Metropolitana de São Paulo, a área do Quadrante Sudoeste inclui, partindo do centro, os bairros de: Higienópolis, Pacaembu, Consolação, Av. Paulista, Vila Mariana, Aclimação, Ipiranga, Sumaré, Perdizes, Vila Pompeia, Altos da Lapa e Pinheiros, Jardins, Butantã, Morumbi e vizinhanças, Moema, Brooklin, Alto da Boa Vista, Granja Julieta etc. Essa região,

Figura 2 Áreas de menor vulnerabilidade social no município. Quadrante sudoeste. Fonte: Villaça. Ano: 2002.

incluindo os bairros populares nela contidos, corresponde a menos de 20% da população da Região Metropolitana, e não contempla as zonas Norte e Leste (até Mogi das Cruzes), nem os municípios do ABCD, Mauá e Ribeirão Pires, Guarulhos, Osasco e Carapicuíba. A região Quadrante Sudoeste também não inclui os bairros de Granja Viana, Tamboré, Alphaville e Aldeia da Serra, que se localizam fora do município, porém em suas bordas, apontando segundo Villaça (2011) a direção única de crescimento da cidade, área metropolitana.

Figura 3. Concentração de emprego e infraestrutura X áreas de maior vulnerabilidade social. Fonte: SMDU. Ano: 2014

Distribuição de Domicílios, segundo Faixa de Renda
Município de São Paulo
2010

Figura 4. Distribuição de Renda no município de São Paulo. Fonte: SMDU. Ano: 2010.

Figura 5. Emprego formal (exceto Administração Pública) e por setor no município de São Paulo. Fonte: SMDU. Ano: 2014.

5 | Empregos formais por setor de atividade, 2012 **6 | Empregos - Distribuição salarial, 2012** **8 | Empregos por subsetor de atividade econômica, 2012**

Exclui Administração Pública

Figura 6. Indicadores e gráficos de desenvolvimento econômico com destaque aos distritos da República, Consolação e Bela Vista. Fonte: SMDU. Ano: 2014.

Figura 7. Uso do solo predominante no município de São Paulo. Fonte: SMDU. Ano: 2014.

PREDOMINÂNCIA DE USOS NÃO RESIDENCIAIS

Figura 8. Predominância de usos não residenciais. Desenvolvimento Econômico. Fonte: SHDU. Ano:2014.

PLANTA GENÉRICA DE VALORES E USO DO SOLO VERTICAL E HORIZONTAL

Figura 9. Planta genérica de valores do uso solo horizontal e vertical. Fonte: SHDU. Ano:2014.

EQUIPAMENTOS PÚBLICOS E SUAS DEMANDAS

Figura 10 Equipamentos públicos e suas demandas. Acesso à serviços. Fonte: SHDU. Ano:2014.

TEMPO MÉDIO DE VIDA NOS DISTRITOS DE SÃO PAULO

Figura 11. Tempo médio de vida no município de São Paulo. Fonte: ObservaSP. Ano: 2016.

CRIANÇAS E IDOSOS NO TERRITÓRIO

Figura 12. Crianças e idosos no território. Fonte: SMDU. Ano: 2014.

Figura 13. Censo de população de rua no município de São Paulo. Fonte: SMADS/COPS. Ano: 2015.

Para Villaça (2011) o *quadrante sudoeste* é também representativo de uma *tripla segregação dos mais ricos*: residencial, de empregos (fundamentalmente setor terciário) e de locais de compras e serviços. No que diz respeito à segregação residencial, há a concentração de residências da população mais abastada. Em relação aos empregos, a maioria deles concentra-se no setor terciário – comércio e serviços, atividade fundamental para as metrópoles contemporâneas de modo geral-, diferentemente da população mais pobre⁵⁹, a qual atua majoritariamente no setor terciário, mas, também, em outras áreas. Já a segregação de locais de compras e serviços consumidos pelos mais ricos, nota-se a concentração de comércio (como os shoppings centers), escolas privadas, escolas de modalidades esportivas e artísticas (como balé, judô, natação, etc), salões de beleza, pet-shops, hospitais e clínicas, academias e parques, áreas de entretenimento, além de igrejas e cemitérios, lista Villaça.

Segundo Villaça (2011), do ponto de vista político, essa região da cidade é privilegiada tanto pelo sistema de transportes quanto pelas localizações por ele criadas- o Estado atua por meio da legislação urbanística localizando seus aparelhos e instituições, assim como criando o sistema de transporte que dá acesso aos lugares da cidade. Já do ponto de vista econômico, “especialmente por meio do mercado da terra, formação dos preços da terra e pela atividade imobiliária”, apresenta grande dinamicidade e preços de terra mais altos em relação a outros locais da cidade.

⁵⁹ As camadas menos abastadas têm também seus empregos no *quadrante sudoeste* e no setor terciário. Entretanto, a diferença fundamental é que, os mesmos têm várias áreas de concentração de empregos por toda cidade. Não somente no setor terciário, mas, também no segundo setor – a indústria, no qual a grande maioria dos trabalhadores é pobre, o que significa dizer que poucos são os ricos que trabalham nesse setor. Enquanto, para os mais pobres existem várias áreas segregadas do ponto dos empregos – sejam terciários ou industriais, os mais ricos têm apenas uma, o quadrante sudoeste da Região metropolitana de São Paulo.